

**SÂNZIO  
DE AZEVEDO**

# Aideota



Coleção Pajé



# **Aldeota**



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,  
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza  
**Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra**

Vice-Prefeito de Fortaleza  
**Gaudêncio Gonçalves de Lucena**

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza  
**Francisco Geraldo de Magela Lima Filho**

Secretária-Executiva  
**Paola Braga de Medeiros**

Assessora de Políticas Culturais  
**Nilde Ferreira**

Assessor de Planejamento  
**Inácio Carvalho de A. Coelho**

Assessora de Comunicação  
**Paula Neves**

Assessor Jurídico  
**Vitor Melo Studart**

Coordenadora de Ação Cultural  
**Germana Coelho Vitoriano**

Coordenador de  
Criação e Fomento  
**Lenildo Monteiro Gomes**

Coordenador de Patrimônio  
Histórico e Cultural  
**Jobert José de Souza Pinto**

Coordenador  
Administrativo-Financeiro  
**Rosanne Bezerra**

Diretora da Vila das Artes  
**Claudia Pires da Costa**

Diretora da Biblioteca Pública  
Dolor Barreira  
**Herbênia Gurgel**

Secretário da Regional II  
**Cláudio Nelson Araújo Brandão**



**Prefeitura de  
Fortaleza**  
Secretaria Municipal de Cultura  
de Fortaleza

Sânzio de Azevedo

# Aldeota



*Copyright* © 2015, Sânzio de Azevedo

Concepção e Coordenação Editorial  
**Gylmar Chaves**

Projeto Gráfico e Diagramação  
**Khalil Gibran**

Revisão  
**Milena Bandeira**

Fotos da Capa e Contracapa  
**Sheila Oliveira**

Consultoria Técnica  
**Adson Pinheiro/ Graça Martins**

*Catálogo na Publicação*

*Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 /801*

---

A 994 A Azevedo, Sânzio de  
Aldeota / Sânzio de Azevedo.- Fortaleza: Secultfor, 2015.  
80p.  
(Coleção Pajeú)  
ISBN: 978-85-420-0582-0

1. Memórias

2. Crônicas

3. Título

---

CDD: 869. 4

## **Sumário**

|                             |    |
|-----------------------------|----|
| A modo de introdução        | 9  |
| Tropel de cascos na areia   | 10 |
| Como nasceu a Aldeota       | 15 |
| Entre a Aldeota e o Outeiro | 20 |
| Ainda o Palácio do Plácido  | 32 |
| De teatro, muito pouco      | 42 |
| Fala quem pode falar        | 45 |
| Sobre as praças da Aldeota  | 53 |
| Mais um pouco de ficção     | 64 |
| Linhas de bonde e de ônibus | 69 |
| A Avenida dos colégios      | 75 |
| Shoppings e ponto final     | 80 |
| Referências Bibliográficas  | 89 |



*Agradeço aos que muito me ajudaram, uns mais e outros menos, e cujos nomes vão aqui em ordem alfabética: Angela Gutiérrez; Clauder Arcanjo; Gylmar Chaves, que me convidou a escrever sobre a Aldeota; o IBGE (nas pessoas de Cristina e Eulimar); o Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico (nas pessoas do ex-Presidente José Augusto Bezerra e de Marinez Alves, da Coordenação Administrativa); Lívio Severiano de Azevedo; Madalena Figueiredo; Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), autor da Cronologia Ilustrada de Fortaleza; Osmar Onofre; Pedro Salgueiro, Raymundo Netto e Stenio Martins.*







## A modo de introdução



**E**ngana-se quem pensar que o bairro da Aldeota, em Fortaleza, tem sido muito citado por escritores da terra. Basta dizer que Araripe Júnior, crítico cearense que pontificava no Rio de Janeiro, no século XIX, ao lado de Sílvio Romero e José Veríssimo, ao tratar do romance *A Normalista*, do seu conterrâneo Adolfo Caminha, afirmou, com firme convicção: “Os acidentes físicos estão todos nos seus lugares. As ruas principais da cidade, o Passeio Público, o Trilho, o Pajeú, o Mucuripe, surgem aqui, ali, além, sugestivos e pitorescos”.<sup>1</sup>

Entretanto, há no capítulo XIII desse romance um parágrafo no qual o narrador descreve, em cerca de oito linhas, a Aldeota, onde morava o casal de velhos que desempenha um papel nada desprezível no enredo: o de receber em sua casa a personagem que dá título ao livro, num momento crucial de sua vida. Voltarei a esse capítulo oportunamente.

---

1 ARARIPE JÚNIOR. *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: MEC / Casa de Rui Barbosa, v. 3, 1963, p. 171.

## Tropel de cascos na areia

O ano era 1940. Ou seria 1941? Só sei que eu, nascido em 1938, tinha dois ou três anos de idade. Minha família morava no bairro da Aldeota e adiante direi o porquê. Minha irmã Maria Consuelo (hoje professora de Espanhol aposentada), já com seus 12 ou 13 anos de idade, pôs-me nos braços e, subindo numa escada de madeira, fez com que eu me debruçasse sobre um muro alto. Lá embaixo, corriam bois, levantando poeira de uma rua de areia. De repente, um dos animais virou-se como para dar uma chifrada no muro, o que me assustou. Talvez venha daí o medo que ainda hoje tenho de bois e de vacas...

Já adulto, muitos anos depois, ocorreu-me a ideia de perguntar à minha mãe que rua era aquela. E a resposta me surpreendeu: era a rua Costa Barros, hoje asfaltada, rua que ela, minha mãe, conheceu na mocidade, quando ainda a chamavam de Rua do Sol, nome que vem de 1888, mas que perdurou por muito tempo.

E quem foi Costa Barros? Não posso deixar passar em branco o nome de Pedro José da Costa Barros, de quem diz o Barão de Studart: “O 1º presidente que teve a Província do Ceará, e o 1º cearense que foi presidente de Província, ministro de Estado e senador”.<sup>2</sup>

---

2 STUDART, Dr. Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tip. Minerva, v. 3, 1915. p. 32.

Costa Barros (1779-1839) nasceu no Aracati e veio a falecer no Rio de Janeiro. Era poeta, figurando um poema seu no *Florilégio da poesia brasileira* (1850) de Varnhagen. Fez parte dos chamados “Oiteiros”, festas literárias do tempo do Governador Sampaio, que reuniam vários poetas do tempo e que representam as primeiras manifestações da literatura no Ceará.

Mas chegou o momento de esclarecer o motivo pelo qual minha família residiu na Aldeota, e prefiro passar a palavra ao meu saudoso irmão mais velho, Rubens de Azevedo (1921-2008), professor e astrônomo que no livro *Memórias de um caçador de estrelas* tem um capítulo intitulado “O Castelo do Plácido”, do qual transcrevo dois trechos, não sem antes revelar que nosso pai era o poeta e pintor Otacílio de Azevedo:

Durante algum tempo morei numa casa do tipo meia-água, que ficava incrustada por dentro do muro que cercava o quarteirão situado entre as ruas Carlos Vasconcelos e Monsenhor Bruno, fronteiro à avenida Santos Dumont, quadrilátero que compreendia o Castelo do Plácido e algumas residências. Chegado do interior, meu pai teve dificuldade em encontrar casa e o industrial Emílio Hinko, proprietário do imóvel, nos cedeu a casa. Como pagamento do aluguel, eu me encarreguei dos serviços de água do castelo e adjacências.

Tornei-me “expert” em bombas de água, com seus problemas de graxas e gaxetas. Todos os dias eu subia a altíssima caixa de água, grimpendo uma escada de trilhos a pique.

Para completar o orçamento, meu pai e eu fazíamos para a fábrica de ladrilhos de Hinko as placas vazadas para a fabricação de ladrilhos e azulejos. Cada cor era vazada numa placa fina de alumínio ou cobre, com o auxílio de serras tico-tico. Papai criou muitos belos desenhos de mosaicos.

(...) Muitas vezes desenhei o perfil do castelo e papai fez o mesmo em óleo. Mas o belo edifício foi criminosamente derrubado, ficando em seu lugar um feio aglomerado de barracas que se intitula Centro de Artesanato Luísa Távora.

Depois de informar que, anos depois, trabalhando na Emcetur, soube, de quem forneceu o laudo para a demolição do prédio, que o motivo é que o palácio era a “cópia servil de um castelo da Toscana”, conclui Rubens assim o capítulo:

Podia não ter valor histórico; mas o simples fato de ser a reprodução de um castelo europeu dava-lhe o direito de, pelo menos, permanecer como atração turística. E podia abrigar o próprio Centro

de Turismo ou uma repartição pública qualquer. Aliás, funcionaram ali, durante algum tempo, o Serviço de Malária e a Delegacia de Saúde.

A verdade é que moramos numa terra habitada por iconoclastas que se comprazem em destruir tudo o que de belo nos deixou o passado.<sup>3</sup>

Minhas lembranças, um tanto vagas, da casa em que moramos na Aldeota incluem, além da imagem do Palácio do Plácido, um quintal que me parecia imenso, cheio de árvores frutíferas, como mamoeiros, cajazeiras, goiabeiras, cajueiros, pés de tangerina e de murici e outras frutas, algumas excelentes e outras um tanto insípidas...

Mas falou meu irmão na avenida Santos Dumont e nas ruas Carlos Vasconcelos e Monsenhor Bruno, faltando falar na Costa Barros, cujo homem que lhe dá o nome já apresentei aqui.

Carlos de Vasconcelos (e não Carlos Vasconcelos, como figura nas placas da rua, fato para o qual me chamou a atenção o poeta Otacílio Colares) era Carlos Carneiro Leão de Vasconcelos (1881-1923), escritor nascido em Granja, CE, e falecido no Rio de Janeiro, na explosão de uma caldeira; ele que era engenheiro. Publicou vários

---

3 AZEVEDO, Rubens de. *Memórias de um caçador de estrelas*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1996, p. 47-8.

livros de ficção, como, entre outros, *Torturas do desejo* (1922), de contos.

Monsenhor Bruno era Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo (1852-1930), que nasceu e faleceu no Aracati. Ordenou-se em 1875 e parouquiou Caucaia, Maranguape de Aracati. Vigário-Geral do Bispado do Ceará era latinista e educador, tendo dirigido o Ateneu Cearense e fundado o Instituto de Humanidades.

Quanto a Alberto Santos Dumont (1873-1932), todos o reverenciamos como o Pai da Aviação. Nasceu em Palmira, hoje Santos Dumont, MG, e suicidou-se em Guarujá, SP, angustiado por ver seu invento espalhando a morte na Revolução de 1932.

É bom esclarecer que o dono do belo castelo ou palácio, Plácido de Carvalho, era casado com a italiana Maria Pierina Rossi, e que teria construído o prédio para que sua esposa recordasse sua terra natal. Foi ele que construiu o Cinema Majestic e o famoso Excelsior Hotel, ambos no Centro de Fortaleza. Falecendo o empresário em 1935, Pierina casou-se com o arquiteto húngaro Emílio Hinko, que ficaria viúvo em 1958.

## Como nasceu a Aldeota

Não deixam de ser um tanto obscuras as origens de um bairro, e às vezes o leitor tem de confiar em alguns nomes que parecem ter autoridade para discorrer sobre certos fatos mergulhados no passado.

João Brígido dos Santos, consagrado com o nome de João Brígido, e que assinava seus livros com apenas J. Brígido, jornalista e historiador, não era cearense, pois viu a luz em 1829, na Vila de São João da Barra, que seria do Rio de Janeiro, mas que, à época de seu nascimento, pertencia ao Espírito Santo. Por isso, ele esclarece: “Nasci, portanto, capixaba”. Mas veio para o Ceará com pouco mais de um ano de idade e tornou-se um dos maiores conhecedores de nossa terra. Diz ele em um dos seus livros, falando da Fortaleza dos primeiros anos do século XIX:

Pela fachada de leste, as águas do mar chegavam até onde agora se acha o sobradinho n. 29, que foi de Bernardino Pacheco, sendo aí que se faziam os desembarques e desembarcaram os holandeses em 1649.

As águas do oceano lambiam as encostas do planalto, hoje *Outeiro*, abaixo do qual agora se encontra todo o bairro da praia.



Tendo-se referido, páginas antes, ao fortim no qual residia o comandante do presídio, acrescenta J. Brígido:

A edificação que se seguiu imediatamente depois do quartel, residência do comandante do presídio, foi a de *Aldeota*, povoação de índios, no sítio conhecido por este nome, nas imediações de Pajeú. Mais tarde, os adventícios, portugueses e mestiços, começaram a edificar pequenas casas de barro e telha, ou choupanas de carnaúbas, à margem direita e esquerda do regato Ipojuca.<sup>4</sup>

O vocábulo *aldeota* (dizem os dicionários) significa povoado ou aldeia, tendo vários outros sinônimos. Como exemplo, lembro *aldeia*, *aldeola*, *povoado*, *arraial* etc.

Por sinal, o romance *Aldeota* (1963), de Jáder de Carvalho, inicia-se com um suposto prefácio assinado pela principal personagem feminina do livro, Catarina Simões de Oliveira, que começa dizendo:

Primeiro, foi a povoação de índios, nas imediações do riacho Pajeú, a que se reporta João Brígido. Filha do forte holandês e daquele riozinho doce e refrescante, Fortaleza estendeu-se rumo ao Nascente, alcançando o Outeiro e logo em seguida a região arenosa, de água profunda e difícil, região

---

4 BRÍGIDO, J. *Ceará* (Homens e fatos). Rio de Janeiro: Tip. Besnard Frères, 1919, p. 192-3.

marcada nos princípios deste século pela presença de elegantes prédios residenciais, que viam de longe a praia e se detinham, meio tímidos, à orla da mata ao sul.

Nestes últimos anos, prefeitos rasgaram ruas na direção do mar e do sertão. Aldeota cresceu em todos os sentidos, assinalada agora por bangalôs de alto custo, palacetes de linhas modernas e custosos palácios que, pela riqueza e luxo, até recordam as Mil e Uma Noites.<sup>5</sup>

Mas o romance do poeta Jáder de Carvalho é um texto de crítica social, com alusões à sonegação de impostos, a comércio ilegal, a contrabando etc., sendo que os personagens da fabulação têm nomes que às vezes não escondem os nomes reais de desafetos do autor, o que faz da obra o que os franceses chamam de *roman à clef*, isto é, o enredo que traz nomes falsos de figuras da vida real.

Depois de falar, sem descer a pormenores, de vários tipos de ilegalidade, a personagem prefaciadora faz uma ressalva:

É certo que há bangalôs honestos, palacetes respeitáveis, em meio às maravilhas de arte que se alicerçam no comércio clandestino da cera, do

---

5 CARVALHO, Jáder de. *Aldeota*. São Paulo: Exposição do Livro, 1963, p. 9.

algodão, da mamona, das peles silvestres, do café e dos automóveis. São eles a exceção confirmadora da regra geral – aliás triste e vergonhosa regra geral.<sup>6</sup>

Há uma passagem do romance em que, desta vez, o narrador, e não um personagem, retrata em breve descrição a transformação da Aldeota dos anos 1950 para os 1960 do século XX:

Na Aldeota levantaram-se riquíssimos bangalôs, agora chamados “casas funcionais”. Quase todos brancos, numa terra de sol. Doem na vista? Mas ficam bem na paisagem, entre o verde do mar e o azul do céu, num suave lombo de terra, que se abaixa cautelosamente em busca da praia.<sup>7</sup>

O personagem narrador de um texto ficcional de nossos dias, mas cujo enredo se desenrola no passado, fala de alguém, Olívia, jovem pela qual ele sente que está apaixonado, e que lhe conta coisas sobre a cidade (a Fortaleza de outrora, naturalmente). Uma vez ela, depois de um piquenique no Benfica, fala de seu tempo no Colégio da Imaculada Conceição. E diz então o narrador:

Contou-me também de sua visita ao “Castelo” do Plácido de Carvalho e de como estranhou os

---

6 CARVALHO, Jáder de. Op. cit., p. 10.

7 CARVALHO, Jáder de. Op. cit., p. 286.

moradores do centro da cidade tomarem o bonde apenas para apreciar a beleza do palacete.

Referiu-se a uma excursão que fizera com a mãe e a prima às demais chácaras, mansões e bangalôs que estavam surgindo a cada dia mais na agradável Aldeota.<sup>8</sup>

Interessante é que o autor desse livro, Raymundo Netto, não alcançou o tempo dos bondes e do Castelo do Plácido em Fortaleza, mas vê-se que compulsou bastante as obras que retratam a Capital cearense nos anos quarenta do século XX, de forma que seu livro representa um autêntico *tour de force* feliz.

---

8 RAYMUNDO NETTO. *Um conto no passado*: cadeiras na calçada. 1ª reedição. Fortaleza: Livro Técnico, 2004, p. 60.

## Entre a Aldeota e o Outeiro

Confesso que, desde menino, havia na minha mente certa confusão envolvendo os nomes Aldeota e Outeiro. Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), outro irmão meu, no seu livro *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*, informa:

É lançada, em 24 de dezembro de 1877, a pedra fundamental do Asilo de Mendicidade, começado por subscrição pública, promovida pelo Barão de Ibiapaba. Foi demarcado grande terreno no Outeiro, futura Aldeota, que recebe o nome de Praça Barão de Ibiapaba, que naquele local começou a erguer o Asilo de Mendicidade. Depois, foi Praça do Asilo, do Colégio Militar, Benjamin Constant, e hoje é Praça da Bandeira. É conhecida por “Praça do Cristo-Rei” por nela ficar a Igreja do Cristo-Rei.<sup>9</sup>

Voltarei ainda a esse assunto. Por enquanto, é interessante observar que os limites oficiais do bairro da Aldeota, segundo o IBGE, são estes:

Ao norte: rua Pereira Filgueiras – rua Tibúrcio Cavalcante – avenida Dom Luís.

---

9 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez) *Cronologia ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: BNB/UFC, 2001, p. 46.

A leste: rua Frei Mansueto – avenida Santos Dumont – avenida Vicente Linhares (Estrada de Ferro Parangaba-Mucuripe).

Ao sul: rua Beni Carvalho – rua Padre Valdivino.

A oeste: rua João Cordeiro – avenida Heráclito Graça – rua João Cordeiro.

Não sei se se trata de costume adquirido com muitos anos de magistério, mas sempre considerei importante saber quem foram os vultos cujos nomes figuram nas placas das ruas, avenidas ou praças de uma cidade. De nem todos restaram muitas informações. Não custa, portanto, tentar, procurando naturalmente seguir a ordem na qual os nomes apareceram, comentá-los:

José Pereira Filgueiras (1758-1824), nascido na Vila de Santo Amaro, SE, e falecido em São Romão, MG, quando viajava preso rumo ao Rio de Janeiro, foi Capitão-mor do Crato, e em 1823, presidiu o logo malogrado Governo Provisório no Ceará contra o Império.

Manuel Tibúrcio Cavalcante (1882-1939) nasceu em Morada Nova, CE, e veio a falecer em Curitiba, PR. Coronel do Exército e engenheiro, foi Prefeito de Fortaleza, Chefe de Polícia e Secretário da Fazenda.

Dom Luís Antônio dos Santos (1817-1891), primeiro bispo do Ceará, viu a luz em Angra dos Reis, RJ, e faleceu na Bahia. Chegou ao Ceará em 1861, três anos depois fundou o Seminário Episcopal, que se instalou no prédio do Colégio da Imaculada Conceição, enquanto eram construídas as edificações do Seminário e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Prainha.<sup>10</sup>

Frei Mansueto (1857-1937), sacerdote capuchinho natural de Poveranza, Itália, faleceu em Fortaleza, em cujo Cemitério de São João Batista foi sepultado, saindo o féretro da Igreja do Coração de Jesus.

Vicente Linhares (?-1956), nascido em lugar que ignoro, veio a falecer no Rio de Janeiro, onde se encontrava em tratamento de saúde. De 1946 até seu falecimento, foi Presidente da Caixa Econômica Federal.

Beni Carvalho (1885-1959) era o nome literário de Benedito Augusto Carvalho dos Santos. Em algumas placas da rua está grafado Beni de Carvalho, o que é um erro. Nasceu ele no Aracati e faleceu no Rio de Janeiro. Catedrático de Direito e Deputado Federal, foi Vice-presidente e depois Interventor Federal do Ceará. Jurista e poeta, deixou vários livros e fez parte da Academia Cearense de Letras.

---

10 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Op. cit., p. 38.

O Padre Valdivino (1866-1921) chamava-se Francisco Valdivino Nogueira (e não Valdevino, como está escrito em várias placas da rua). Nasceu em Limoeiro do Norte e veio a falecer em Redenção, CE. Destacou-se como orador sacro e foi um dos fundadores, em 1894, da Academia Cearense (depois Academia Cearense de Letras). Era membro do Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico. Era ainda jornalista e poeta.

João Cordeiro (1842-1931) nasceu em Santana do Acaraú, CE, e faleceu em Fortaleza. Foi político e comerciante destacado. Também foi Deputado Federal e Senador. Nas lutas pela Abolição da escravatura, ele foi, nas palavras do historiador Raimundo Girão, o “grande polo da gravitação redentora, no Ceará”.<sup>11</sup>

Heráclito de Alencastro Pereira da Graça (1837-1914) nasceu no Icó, CE, e faleceu no Rio de Janeiro. Jurista e filólogo, além de jornalista e político, foi o trigésimo sétimo Presidente da Província do Ceará. Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupou a Cadeira nº 30, cujo Patrono é Pardal Mallet. Na Academia Cearense de Letras ele é Patrono da Cadeira nº 12. Um de seus livros de maior fama intitula-se *Fatos da linguagem* (1904).

---

11 GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2ª Ed. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Ceará, 1969, p. 228.



No que concerne aos limites com outros bairros, parece-me correto dizer que a Aldeota tem, ao norte, Meireles e Varjota; ao sul, Joaquim Távora e Dionísio Torres; ao leste, Cocó e Papicu; e a oeste, o Centro Histórico de Fortaleza.

Foi visto aqui que João Brígido, em um livro publicado em 1919, depois de informar a chegada do mar às encostas do planalto, que ele diz chamar-se hoje “Outeiro”, afirma que depois da edificação do fortim do comandante do presídio, seguiu-se a de Aldeota, “povoação de índios”.

Conversando com o meu já citado irmão, que é pesquisador do passado de nossa cidade, o Miguel Ângelo (Nirez), ele reconheceu a complexidade da distinção entre Outeiro e Aldeota, dando a entender que Outeiro já foi somente a parte alta (da igreja e do seminário), o que coincide com o significado do vocábulo, que quer dizer elevação. E aqui lembro um dos mais famosos recantos do Rio de Janeiro, que é o Outeiro da Glória.

Informou-me ainda, ele, que os bondes de tração animal existentes nas imediações do seminário eram da Empresa Ferro-Carril do Outeiro. Não se pense, entretanto, que todo o Outeiro se transformou no que hoje em dia é a Aldeota, ou melhor, que toda a Aldeota um dia foi Outeiro.

O maior cronista do Ceará, Milton Dias, num de seus livros, intitulado *Cartas sem resposta*, incluiu uma série de treze crônicas, naturalmente em forma de carta, sob o título geral “Ao meu pai morto”. Imagina o escritor a volta de seu pai, falecido em 1928. Certamente o filho teria muitas novidades para contar a ele. E Milton, que morava na rua Coronel Ferraz, vai dizendo:

Então, a gente saíria por aqui, Pai, tomaria a Avenida que começa na nossa praça, esta que já foi Rua do Colégio, Rua Gustavo Sampaio, Rua 9-A, Boulevard Doutor Nogueira Acioly e desde 1932 se chama Avenida Santos Dumont. E o senhor iria conhecer a zona mais rica da cidade, um dos bairros residenciais mais bonitos do Brasil, a Aldeota, que no seu tempo se chamava Outeiro.<sup>12</sup>

Pretendo ainda voltar a esse livro de Milton Dias, mas, por enquanto, para deixar claro que, em algum momento, coexistiram Outeiro e Aldeota, transcrevo um trecho de Adolfo Caminha, datado de fevereiro de 1895 e que é um dos capítulos do livro *Cartas literárias*, desse mesmo ano. O capítulo intitula-se “A Padaria Espiritual” e se inicia assim:

Vai para dois anos, meu amigo, que uma forte resolução e uma brisa de prosperidade arrancaram-me a esse poético e delicioso Outeiro, onde, por

---

12 DIAS, Milton. *Cartas sem resposta*. Fortaleza: IUC, 1974, p. 140.

umas tardes incomparáveis de doçura e quietação, pude escrever as páginas mais verdadeiras e mais sinceras do meu primeiro livro, – esse Outeiro cheio de recordações, plantado d’árvores que falam ao espírito e, donde, a olho nu, se vêem lá baixo, negras de limo, erguidas para o céu, as torres da catedral, e, do outro lado, as areias cor de ouro da Aldeota, brilhando por cima da mata, zebreadas duma vegetação langue e sombria como a triste vegetação dos desertos e dos cemitérios. Vai para dois anos...<sup>13</sup>

Aí está, em 1895, o escritor cearense lembrando-se do tempo em que, morando no Outeiro, podia contemplar, entre outras coisas, “as areias cor de ouro da Aldeota”.

E para confirmar a antiguidade da Aldeota, basta lembrar que no romance *A Normalista*, do mesmo Adolfo Caminha, livro editado em 1893, mas cuja fabulação termina com a Proclamação da República, portanto em 1889, no já aludido capítulo XIII há este trecho, ao qual já aludi ligeiramente na introdução deste trabalho:

A tia Joaquina, conhecida no mercado pela velha dos cajus, e mais o mestre Cosme, eram um pobre casal que morava na Aldeota, cerca de um quilômetro da cidade, uma casinhola de taipa,

---

13 CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: Aldina, 1895, p. 157.

dentro d'um largo cercado de pau a pique plantado de cajueiros, todo verde no inverno, com um grande poço no centro, cavado toscamente, e ao fundo do qual sangrava um veio d'água cristalina.<sup>14</sup>

Eis a Aldeota dos anos 80 do século XIX. Se em 1940, mais ou menos, pude eu mesmo ver uma boiada passando pelas areias da Rua do Sol, que hoje é a asfaltada Costa Barros, não é nada de admirar que em 1889 o bairro fosse como Adolfo Caminha o viu e descreveu através da palavra do narrador d'*A Normalista*, seu primeiro romance.

Mas ainda há outro romance cearense, por sinal anterior a esse, de Caminha, que é *A Afilhada*, publicado em folhetins do jornal *Libertador*, em 1889, de autoria de Oliveira Paiva. Nesse texto encontramos várias alusões a Outeiro e pelo menos duas vezes a Aldeota.

Oliveira Paiva, cujo nome literário as editoras insistem em grafar com o *Manuel* que ele usou somente em um livro de versos, é, com esse romance, autor da primeira narrativa longa do Realismo cearense.

No capítulo I, há este parágrafo: “Pela frente do edifício passava o empedramento, que um pouco adiante

---

14 CAMINHA, Adolfo. *A Normalista* (Cenas do Ceará). Rio de Janeiro: Magalhães & C. – Editores, 1893, p. 262.

morria na estrada de areia, artéria dos roceiros da Aldeota e do Rio Cocó, por cerca de duas léguas ao Sudeste”.<sup>15</sup>

No capítulo III, encontra-se este trecho que fala do Outeiro, como o anterior falava da Aldeota: “Desceria a ladeira da Assembleia, para, atravessando a Rua de Baixo, subir o aclave do Outeiro em rumo da casa paterna?”.<sup>16</sup>

Volto às *Cartas sem resposta* de Milton Dias. Na mesma página em que, na conversa imaginária com o pai falecido, diz que a Aldeota se chamava Outeiro, há observações interessantes sobre o novo bairro, isto é, a Aldeota. E é curioso constatar a espécie de antipatia que esse bairro tem despertado em vários intelectuais.

Nas páginas de Milton Dias não temos evidentemente a crítica ácida que apenas entremostrei em alguns trechos do romance de Jáder de Carvalho. Mas nem sempre é lisonjeira a descrição da Aldeota que o cronista faz, imaginando falar ao pai, ausente há tantos anos:

Pois o Outeiro está irreconhecível. A linha de ônibus, ainda me lembro, morria ali no Colégio São João. É uma nova cidade dentro da cidade, com casas belíssimas, a maioria de inegável bom-

---

15 PAIVA, Manuel de Oliveira. *Obra completa*. Org. Rolando Morel Pinto. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p. 210.

16 PAIVA, Manuel de Oliveira. *Op. cit.*, p. 286.

gosto (embora haja algumas horrendas, outras feitas em série, na base da cópia). Mas há mesmo mansões dentro do figurino cinematográfico, a que não faltam nem mármore, nem piscina, nem jardins, nem móveis suntuosos, nem quadros de grandes pintores. Às vezes faltam livros, ou os há, bem arrumadinhos nas estantes, naquelas coleções luxuosas que compram especialmente para decorar. Não decorar para aprender de cor, como se dizia no seu tempo, mas no sentido de enfeitar mesmo. Salvo, é óbvio, as honrosas exceções, diga-se a bem da verdade.

(...) depois de ser festejado pelos filhos, noras e netos, nós faríamos uma ronda nas casas de todos os parentes – moram todos naquele bairro – e eu o levaria a conhecer uma praça nova, bonita, redonda, que se chama Praça Portugal, onde está uma fonte luminosa, musical e colorida. A fonte a cantar e a água a correr.<sup>17</sup>

O final desse trecho, no qual o cronista faz intertextualidade (ou citação) com a famosa modinha “Chuá, Chuá”, de Pedro de Sá Pereira e Ari Pavão, gravada nos anos 1920 por Fernando e bem mais tarde por Augusto Calheiros, fala de uma fonte que não mais existe na Praça Portugal, da qual ainda falarei oportunamente.

---

17 DIAS, Milton. Op. cit., p. 140.

A alusão que Milton Dias faz aos livros que servem principalmente (ou talvez até exclusivamente) para enfeitar as estantes, faz-me recordar histórias que amigos meus contavam, quando eu era jovem, de “novos-ricos” que encomendavam coleções de livros encadernados ricamente, os quais eram comprados por metro...

Mas, a exemplo do que fizera a personagem Catarina Simões de Oliveira, do romance de Jáder de Carvalho, o cronista, logo depois de espinafrar os maus costumes daqueles “parvenus” do bairro, faz uma ressalva citando “as honrosas exceções”.

Gilmar de Carvalho, em um livro sobre o compositor e cantor cearense Ednardo, ao se deter no comentário sobre a composição intitulada “Terral”, do primeiro elepê do artista, de 1972, afirma que nessa música “o canto de Ednardo é o vento que sopra da cidade levando saudades”. E logo acrescenta:

Ednardo assume as raízes, na identidade geográfica e cultural. “Eu venho das dunas brancas / de onde eu queria ficar / deitando os olhos cansados / por onde a vida alcançar”.

Dunas, sol, praia, areia, Aldeota, se fundem num caleidoscópio. A oposição ao progresso se expressa no “meu céu é pleno de paz / sem chaminés ou fumaça”. O medo se define no verso “no peito enganos mil / na

terra é pleno abril”. É a soma de todas as contradições que ele iria viver no instante seguinte.

A Aldeota é carregada da crítica ao “nouveau riche” no antagonismo de “eu sou a nata do lixo / eu sou o luxo da aldeia /sou do Ceará / Aldeota”.<sup>18</sup>

Devo a Pedro Salgueiro cópia da letra dessa composição, e dela destaco este trecho: “Aldeota, Aldeota, estou batendo na porta pra lhe / Pra lhe aperriá, pra lhe aperriá”.

O verbo *aperrear*, que na origem significa perseguir por perros, é bem cearense com o sentido de amolar, aborrecer, chatear. Como hoje não é um verbo muito usado como antigamente, reproduzo mais um trecho do livro de Gilmar de Carvalho:

O verbo *aperrear* é recuperado de um linguajar que cai em desuso: “Eu tenho a mão que aperreia / eu tenho o sol e a areia / South America”. Não é esse o padrão nacional que as redes de tevê vão passar a impor. O sotaque resiste, mas ele se assume cearense e amplia os limites desse canto numa dimensão continental, “sul da América / South America”. São esses os não-limites do seu cantar.<sup>19</sup>

---

18 CARVALHO, Gilmar de. *O Ceará do Ednardo*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2013, p. 25.

19 CARVALHO, Gilmar de. Op. cit., p. 25.



## Ainda o Palácio do Plácido

O capitalista Plácido de Carvalho (1873-1935), que em 1917 havia inaugurado o Cine Teatro Majestic Palace e, em 1931, o Excelsior Hotel, ambos no Centro de Fortaleza, era o dono do palacete (ou castelo) já aqui citado, este na Aldeota.

Esse prédio, vendido pelos herdeiros do empresário em 11 de fevereiro de 1974, ficava, como informa a *Cronologia* de Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), “na Avenida Santos Dumont, nº 1545, entre as ruas Carlos Vasconcelos e Monsenhor Bruno”. Foi vendido ao Grupo Romcy, para a construção de um supermercado. Sua demolição iniciou-se no dia 13 de fevereiro daquele ano, “sob os protestos da imprensa”.<sup>20</sup>

Dessa casa onde minha família morou quando eu era muito pequeno, vi muitas vezes o palacete que, pelo menos durante alguns anos, foi como que um símbolo do bairro da Aldeota. Nem é por outra razão que ele figura, em toda a sua imponência, na capa do romance de Jáder de Carvalho.

O certo é que o supermercado que o Grupo Romcy havia planejado construir no lugar do palacete,

---

20 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: BNB/UFC, 2001, v. 1, p. 298.

por algum motivo, não se concretizou. Mas o espaço não ficou ocioso: “No ano de 1981 foi construído o Centro Artesanal Luísa Távora, obra ao arquiteto Pedro Rossi, cearense radicado em São Paulo, no terreno antes ocupado pelo Palácio do Plácido”.<sup>21</sup>

Aí por volta de 1972 ou 1973, um jovem de 21 ou 22 anos de idade, ao ver o Palácio do Plácido, resolve, acompanhado de irmãos e amigos, explorá-lo, imaginando que nele se escondem tesouros, como nas histórias infantis.

Esse jovem, algum tempo depois, escreve um poema e se assina, como faria em outros textos dessa época, com o pseudônimo de Pedro Gaia.

O poema intitula-se “O Sol”, em versos livres (há alguns com 10 sílabas, outros com 9 e até com 12), sem preocupação com rimas: há uma só consoante, na penúltima estrofe, e outras toantes, ao longo do poema:

*[O sol] prossegue, então, sua trajetória,  
de mar aberto sobre a cidade;  
à sua invasão nada se opõe  
como certos objetos à linguagem.*

*Para tanto é imparcial: na Aldeota  
cresce sem memória de um percurso,*

---

21 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Op. cit., v. 1, p. 338.

*cresce saudável, mais claro até,  
onde tudo é limpo à vista e ao tato.*

*Onde tudo tem sua própria ecologia,  
administrada por vice-reis,  
os quais controlam, tranquilos,  
alheia meteorologia.*

*Descobre, em seguida, o Castelo do Plácido,  
nostalgia do rei não-Artur,  
onde salas ecoam aranhas e pó  
e nenhum tesouro no subsolo.*

Há alguns anos (ou há algumas décadas, melhor dizendo), trocava eu cartas com escritores residentes fora do Ceará. Hoje, a internet aproximou muito os amigos distantes. Não só aproximou, como agilizou suas conversas epistolares: em vez de escrever, à mão ou à máquina, uma carta e ficar esperando a resposta, enviamos um e-mail e às vezes no mesmo dia (ou na mesma hora quase) temos a resposta.

Assim é que, ao mandar uma mensagem eletrônica ao meu amigo e poeta Adriano Espínola (que é o nome verdadeiro de Pedro Gaia), recebi dele no mesmo dia, além do poema do qual reproduzi alguns versos, esta mensagem, que é, para mim, um precioso documento:

Eu, adolescente, aí pelos 13 / 14 anos, costumava brincar com os amigos e irmãos (o castelo

ficava a dois quarteirões da casa dos meus pais). Entrávamos lá, íamos a todos os quartos, andares e salões, procurávamos o “tesouro” do que haveria de existir numa das paredes ou no piso, veja só. Debalde. Fantasia de menino. Era enorme por dentro. Eu assisti em 74 à demolição; deu pena vê-lo tombar. O grupo vendeu logo para o estado (estava endividado) e o estado construiu a praça – menos mal, ficou mais democrático; havia um restaurante ao lado (O alemão) e eu ia muito lá tomar chope com salsicha alemã, recordando por vezes aquele local no tempo em que eu era menino, caçava de baladeira rolinhas e procurava tesouros inexistentes.<sup>22</sup>

Em 1968, no livro *Táxi*, que é todo um poema, aparece uma Rua da Aldeota, mas, a meu ver, indiretamente, por meio da memória do poeta Adriano Espínola:

*E o Táxi logo dispara na pista imaginária,  
até me sentir balouçante, sim,  
num velho Prefect,  
descendo a rua Costa Barros,  
lá longe,  
a caminho do Centro.*<sup>23</sup>

---

22 Depoimento enviado por e-mail no dia 23 de abril de 2014.

23 ESPÍNOLA, Adriano. *Táxi*. São Paulo: Global, 1986 (As páginas não são numeradas).

Pouco antes, não com o auxílio da memória, mas dentro da realidade (se é que pode haver realidade na carreira surreal desse Táxi), havia dito o poeta:

*Fazer o retorno a Fortaleza,  
descendo pela Barão de Studart,  
a meia velocidade,  
eu e Moema no banco traseiro do Presente...*<sup>24</sup>

Volto, porém, ao dia 13 de fevereiro de 1974, dia em que começou a demolição do Palácio do Plácido, “sob os protestos da imprensa”, como já foi visto na *Cronologia* do Nirez.

E efetivamente a imprensa não perdoou esse atentado a uma edificação tão bela e tão característica do bairro onde se erguia. Assim é que no *Correio do Ceará* (jornal hoje extinto) daquele dia saiu um artigo, sem indicação de autoria, intitulado “Demolição do Palácio: um crime ao patrimônio”. Começa assim o artigo:

Enquanto o Ministério da Educação e Cultura diz estar gastando milhões e milhões de cruzeiros em tombamento, restauração e outras medidas em defesa do nosso patrimônio histórico e artístico, aqui em Fortaleza se relegam ao total desprezo os marcos históricos, como se eles nada representassem e nem

---

24 ESPÍNOLA, Adriano. Op. cit.

falassem de uma época passada. A imprensa da Capital comenta a demolição do chamado “Palácio do Plácido”, obra de real valor arquitetônico, erguido com toda a imponência na Avenida Santos Dumont, no bairro outrora conhecido como Outeiro.

Com uma área de 11 mil metros quadrados, o Velho Castelo simboliza um passado que merece todo o respeito, único talvez existente entre nós, porquanto não se conhecem por aí afora construções que se possam chamar de palácio, tanto como este aqui erguido.

Depois de reiterados ataques à falta de sensibilidade de nossa gente pelas coisas do passado, notadamente as ligadas à cultura, e de acentuar que nem o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tentou evitar esse crime, o artigo, que não é muito breve, conclui com estas palavras de legítima revolta:

Com o desaparecimento do “Palácio do Plácido” vai uma parte da Fortaleza de ontem, já exangue, caquética, quase para desaparecer totalmente sem poder mostrar às gerações de hoje e de amanhã uma cidade que tinha belos edifícios, casas, logradouros, parques, e passeios de formatos e linhas tão modernas como nos dias presentes.<sup>25</sup>

---

25 *Correio do Ceará*. Fortaleza: 13.02.1974, p. 8.

Somente ao fazer esta pesquisa sobre o bairro da Aldeota foi que me apercebi do quanto ele está ausente da maioria das obras de poetas que têm celebrado a Capital cearense.

Basta dizer que no *Cancioneiro da cidade de Fortaleza*, de Artur Eduardo Benevides, além de dois poemas sobre Jacarecanga e dois sobre a Barra do Ceará, há oito textos celebrando a Praia de Iracema, e nada menos do que dezenove sobre o Mucuripe, e nenhum sobre a Aldeota...

O bairro é citado em alguns poemas, porém “*en passant*”. No soneto intitulado “Fortaleza – 73”, do meu saudoso amigo Nonato de Brito, após louvar o progresso da cidade, diz o poeta no último terceto: “Só há uma coisa, minha Amada, nota: / és linda em teu vestido de Aldeota, / mas teus sapatos são de Pirambu...”<sup>26</sup>

Nem é preciso assinalar que a Aldeota, quando é citada, geralmente é como lugar luxuoso, como no “Poema para Fortaleza”, do paraense Bruno de Menezes, longo texto escrito, parte na Capital cearense, parte em Belém do Pará, que diz, a certa altura:

*Oh, Fortaleza do Benfica, da rica e burguesa Aldeota!  
de patriarcais construções solarengas,*

---

26 In: BENEVIDES, Artur Eduardo. *Cancioneiro da cidade de Fortaleza*. 2ª Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1973, p. 96.

*floridas, satisfeitas, abastadas,  
provindas do trabalho e dos negócios rendosos,  
de que seus donos se envaidecem,  
como a casa, de exótica estrutura, com pistas funcionais,  
do português comodista.<sup>27</sup>*

Martins d’Alvarez, cearense radicado no Rio de Janeiro, no poema em redondilha maior “Fortaleza da Senhora da Assunção”, diz, falando à cidade:

*Hoje pareces um cromo  
com ar festivo a janota,  
ostentando joias caras  
como o bairro da Aldeota.<sup>28</sup>*

Em “Fortaleza pela madrugada”, de Carlos Neves d’Alge (que quase nunca escrevia o nome completo), depois da citação de outros bairros, vem a alusão à Aldeota, mas com o objetivo de mostrar o contraste entre sua riqueza e a pobreza de outro bairro:

*Aldeota onde roncam nas garagens  
Cadilacs, Chevrolets e Oldsmobiles  
Arraial Moura Brasil onde não há uísques*

---

27 In: BENEVIDES, Artur Eduardo. Op. cit., p. 115.

28 In: BENEVIDES, Artur Eduardo. Op. cit., p. 146.



*nem chás dançantes nem festas de caridade  
apenas miséria dor desejo barato.*<sup>29</sup>

Artur Eduardo Benevides, aqui como poeta, em “Canto de amor a Fortaleza”, não propõe nenhuma comparação; depois de enumerar todas as praias da nossa Capital, fala apenas de oito bairros, em versos de dez sílabas:

*Oh, os teus bairros tão doces e tranquilos  
que recordam as canções dos seresteiros.*

*Aldeota, Benfica, Alagadiço,  
Piedade, Prainha, Navegantes,  
Jacarecanga, Porangabussu!*<sup>30</sup>

Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, em um livro de crônicas, *Brinco de pérola*, transcreve um poema de Aluizio Medeiros, poeta cearense que se transferiu para o Rio de Janeiro. Trata-se de “Fortaleza revisitada novamente”, que não figura no citado cancioneiro de Artur Eduardo Benevides.

Foi publicado na revista *Clã* nº 20, de outubro de 1964.

Não reproduzirei esse poema de vinte e nove versos inteiro, mas alguns trechos:

---

29 In: BENEVIDES, Artur Eduardo. Op. cit., p. 191.

30 In: BENEVIDES, Artur Eduardo. Op. cit., p. 195.

*eis-me aqui onde outrora vivi  
vem o vento de sempre vagante  
vem o mar este mar  
espraiado em líquida flora*

. . . . .

*Pirambu a miséria encravada  
estes muros de branco lavados  
esta rua Assunção da infância  
cirandantes estrelas cantantes  
este val raso val Pajeú*

. . . . .

*Aldeota morada maloca  
este Forte mirante da Praia*

. . . . .

*este val desta vida de agora  
vem o vento de sempre vagante  
eis-me aqui onde agora vivi.<sup>31</sup>*

Observa a ensaísta, Vera Moraes, que esse “é um poema cujo lirismo está ligado à vida cotidiana e suas manifestações”. E, pouco adiante: “O outrora e o agora ora

---

31 MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. *Brinco de pérola*: crônicas. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008, p. 93.

se distanciam, ora se harmonizam e o ‘vento vagante’ (o tempo?) permanece sempre em sua tarefa de levar a vida para diante”. E, após aludir à lembrança da “rua Assunção de minha infância”, acentua:

A visão atual também analisa a diferença social de seus habitantes, contrastando bairros caracterizadores de riqueza e de miséria – Aldeota e Pirambu – “Pirambu a miséria encravada”, desvelando ideologias humanistas do autor.<sup>32</sup>

## **De teatro, muito pouco**

**T**alvez um pesquisador com mais competência ou sorte possa encontrar mais manifestações teatrais na Aldeota. De minha parte, confesso que o registro que posso fazer nesse sentido representa muito pouco.

Marcelo Farias Costa, a meu ver o principal pesquisador do teatro no Ceará, sendo ele mesmo autor e ator, no capítulo 3, “Outras casas de espetáculos”, no seu livro *História do teatro cearense*, depois de falar do Teatro José de Alencar, refere-se a diversos outros palcos de nossa cidade, ora na Avenida do Imperador, no Otávio Bonfim,

---

32 Morais, VERA Lucia Albuquerque de, *Brinco de pérola: Crônicas*. Fortaleza: Imprensa universitária, 2008, pag. 93.

no Joaquim Távora, na Avenida Tristão Gonçalves, na Praça José de Alencar e, em último, no Cine Teatro Santos Dumont (Praça Cristo Rei).

No final do capítulo 6, “Os grupos de 20”, ao enumerar os locais onde se fazia teatro em Fortaleza nessa década, Marcelo Farias Costa fala de um grupo do qual conseguiu registrar apenas isto:

A Troupe Dramática do Outeiro, que das suas atividades sabemos apenas a composição de sua diretoria de 1926: Manuel Pinheiro (presidente), Raimundo Menezes (secretário), José A. Barros (tesoureiro), Sebastião Ferreira do Nascimento (diretor artístico), João José de Melo (maquinista), Joaquim Gomes Filho (ponto), Manoel F. Filho (contra-regra), maestro Olegário M. da Silva (contra-regra).<sup>33</sup>

Rubens de Azevedo, já aqui citado, meu irmão mais velho, teve na mocidade sua fase de atividades teatrais, justamente quando nossa família residia na Aldeota.

Não custa, porém, transcrever palavras de Marcelo Farias Costa, ao apresentar esse grupo teatral no qual meu irmão ensaiou suas primeiras (e últimas) experiências na arte cênica:

---

33 COSTA, Marcelo Farias. *História do teatro cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1972, p. 153.

O Conjunto Teatral Santos Dumont de Clóvis Matias surgiu em 1941 no Cine-Teatro Santos Dumont (Praça Cristo Rei). Entre suas produções estão “O Cura da Aldeia” com Francisco Xavier, Clóvis Matias, Maria Consuelo, Milton Santos, José Majestic, José Ribeiro; e “Lágrimas de Pai” de José Majestic.<sup>34</sup>

E eis-me de volta ao livro de memórias do astrônomo, professor e artista plástico Rubens de Azevedo, precisamente no capítulo intitulado “Meu namoro com o teatro”:

Quase todos os de minha geração andaram fazendo teatro em Fortaleza: era uma compulsão que atingia os jovens, vidrados no cinema e na Paixão de Cristo, encenada todos os anos com grande elenco. A esse tempo, os teatros que funcionavam ininterruptamente eram o Teatro José de Alencar, o São José e o Cristo-Rei. Eu era calouro, mas trabalhava ao lado de conhecidos ídolos, como José Majestic, Fran Siena, Clóvis Matias, William Alcântara e outros. Nosso maior interesse no Cine Teatro Cristo-Rei (chamado também Santos Dumont) eram os doces e as queijadinhas preparadas pelas irmãs Lima, que faziam funcionar o teatro. As Limas eram três ou quatro negras bonitas e simpáticas e não

---

34 COSTA, Marcelo Farias. Op. cit., p. 154.

identificadas. Eram apenas as Limas, e pronto. A todas nós chamávamos de Dona Maria...<sup>35</sup>

Podem ser muito poucas essas informações sobre atividades teatrais da Aldeota, mas foram os únicos dados que pude encontrar, sem falar nas fotos que vi muitas vezes de meu irmão e nosso primo Zorrillo de Almeida ostentando barbas postiças e vestidos com trajes que remetiam ao tempo de Jesus Cristo. E me dou por feliz porque, para ser sincero, imaginei que teria ainda menos a dizer sobre o assunto...

## **Fala quem pode falar**

O historiador Raimundo Girão, no livro *A Cidade do Pajeú* (1982), pôs textos de vários estudiosos da História cearense, sob o título geral “Fala quem tem autoridade para falar”.

Imitando o saudoso escritor, intitulo este capítulo “Fala quem pode falar”, porque aqui terei por base o livro *Imagens indeléveis*, cujo subtítulo é “Primeiros contatos com o bairro da Aldeota”, publicado em 1991 e de autoria de Ione Arruda Gomes.

---

35 AZEVEDO, Rubens de. *Memórias de um caçador de estrelas*. Fortaleza: UFC, casa de José de Alencar, 1996, p. 49.

Conheceu a autora o bairro nas décadas de quarenta, de cinquenta e de sessenta, chegando a descrevê-lo nos anos setenta do século XX.

Com tantos anos vivendo na Aldeota, e servida por uma memória extraordinária, ela enumera, de maneira exaustiva, os nomes das muitas famílias que moravam nas belas mansões do famoso bairro.

Ao focalizar a “Aldeota na década de quarenta”, Ione revela que, nessa década, sua numerosa família foi morar numa chácara situada na rua Silva Paulet, chácara essa que teve de ser ampliada, transformando-se “quase numa mansão”. Falando dos seus irmãos e dos amigos, ela revela a certa altura:

Foi após o término da II Guerra (quando não havia mais blecaute) que formamos esse grupo na Avenida Santos Dumont. As diversões eram poucas. Não existiam lojas de comércio, farmácia, nem postos de gasolina, nem restaurantes. Tínhamos um cinema, o Cine Ventura, e se quiséssemos um melhor tínhamos que ir de ônibus (ou bonde) percorrendo a Santos Dumont até perto da Praça do Ferreira – ajardinada e bem ornamentada com os bancos confortáveis e a famosa Coluna da Hora, o que era um deleite.<sup>36</sup>

---

36 GOMES, Ione Arruda. *Imagens indeléveis*: primeiros contatos com o bairro Aldeota. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 21.

Informa a autora que a Capelinha das Irmãs Missionárias, na avenida Rui Barbosa, atraía muitos fiéis, e que muitas pessoas de outros bairros vinham “conhecer o Castelo do Plácido, os solares e mansões da Aldeota”.<sup>37</sup>

Referindo-se a esse famoso palacete construído por Plácido de Carvalho, diz ela, no capítulo dedicado a ele, que se erguia

(...) com canteiros floridos, lembrando os de Versalhes e o verde palmeiral em leque, ornamentado de postes de ferro que ladeavam a escadaria dupla de entrada, onde se refletiam os bojos brancos realçando o verde das menores palmeiras. Era a mais requintada residência da Aldeota, com suas duas largas torres, sacadas nas janelas com finos balaústres. Nas laterais do terreno enfeitavam três garbosos bangalôs (O Castelo fora inaugurado no seu casamento, 1913).<sup>38</sup>

Não se admire o leitor de transcrições mais ou menos longas neste capítulo (e esta última até que foi breve): é que somente com a leitura de todo um parágrafo de cerca de dezoito linhas pode-se avaliar a quantidade de nomes guardados pela memória prodigiosa da autora. Falando da avenida Santos Dumont, por exemplo, diz ela,

---

37 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 21.

38 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 22.



relembrando “mansões, palacetes, chácaras de propriedade de tradicionais famílias”:

Enuncio algumas que me ocorrem na lembrança: a chácara de Alba Frota, das Quixadá, a vivenda de Esmerino Arruda e a dos Fontenele, perto do Ginásio São João. E ainda das famílias: Odilon Braveza, Vilar, Mirtil Meyer, Fernandes, Deusdedit, Juaçaba, Lopes, os Ribeiro Campos, os Castro, os Aguiar, os Humberto Ribeiro, os Azevedo, os Brisamar Rocha, a uns passos da avenida, os Gradwol, os Salgado. Na esquina com a Av. Rui Barbosa, os Abner Vasconcelos e as irmãs Gentil Frota (as Frotinhas), que doaram a Capela das Irmãs Missionárias. E ainda os Studart, os Gonçalves da Justa (um palacete com quase meia quadra de terreno), em frente os Batista Campos. E ainda: Alberto Machado, Silvino Cabral – que possuía a maior discoteca de Fortaleza (de bom gosto). Na rua José Lourenço residia o Fernando Lima, irmão do escritor Herman Lima e os Medeiros. Antes, na Rui Barbosa, ficavam as mansões dos Elery Barreira, dos Diógenes, dos Kayate, dos Chastinet, dos Ary. À esquerda da José Lourenço, os Costa, Me. Lulu. Voltando à Santos Dumont, as mansões dos Costa Lima, dos Mendes, dos Martins de Lima, vizinho à dos Picanço, bem

em frente, os Mirtíl Alves, o palacete do Pedro Machado e o dos Leal.<sup>39</sup>

E vêm nomes e mais nomes, com a indicação do local onde as famílias moravam, o que reforça meu espanto por uma memória dessa natureza.

Para não transcrever o capítulo todo (que é o que dá vontade de fazer), lembro-me dos portugueses Júlio Ventura, Dias Branco, Simões Loiro, Rosário, Humberto Pinto, Alexandre Vidal (Cônsul de Portugal) e, entre vários outros, “Júlio César, pai do prof. Carlos d’Alge, mais distante, com a Av. D. Manuel”.

Na página seguinte, vêm os Boris, Barreira, Parsifal Barroso, os Alencar Araripe, os Cabral de Araújo, as Menescal, os Arruda Botto e muitos mais.

Informa a autora:

Com o passar do tempo, a Aldeota passou a ser o bairro mais conhecido de Fortaleza e desenvolvido, não sendo possível mencionar os nomes dos moradores já da Nova Aldeota, a partir da nova década da rua Silva Paulet às proximidades do Papicu.<sup>40</sup>

---

39 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 24.

40 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 25.

Que me desculpem as famílias cujos nomes tive que omitir, a fim de meu trabalho não se transformar numa enorme e infundável transcrição.

No capítulo intitulado “Novenas – Colégios”, começa a autora a falar da “nova capela das Missionárias (como ficou conhecida) de N. S<sup>a</sup> do Calvário, na Av. Rui Barbosa”, e acrescenta:

Havia uma frequência de fiéis da Aldeota, sobretudo os casais, na missa do Pequeno Grande, lá no fim do Beco dos Pocinhos, em frente à Praça Figueira de Melo com a rua Coronel Ferraz, onde erguia-se também o prédio da Escola Normal Pedro II.<sup>41</sup>

Refere-se à Praça Cristo Rei, onde encontra outro estabelecimento de ensino, o Colégio Militar. Depois de falar no Ginásio São João, que se encontrava subindo ao Outeiro, menciona o Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, fala da sofisticação da juventude do bairro, já nos anos 50, e informa:

Em 1963 foi construída a Paróquia da Paz, na rua Visconde de Mauá, o que se tornava uma necessidade para os moradores da Aldeota crescente. Sob a direção do Monsenhor Amarílio

---

41 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 26.

Rodrigues, que muito batalhou pelas obras sociais da Escola e da Igreja, o qual, com a colaboração dos fiéis, Pe. Afonso Rocha e a ajuda de Zé Bezerra, vimos inaugurado o pátio e a nova Capela (1990).<sup>42</sup>

Mas, junto com Ione Arruda Gomes, viajamos longe no tempo. Volto para comentar o capítulo “Aldeota nos anos cinqüenta a sessenta”, quando ela fala do fim das linhas de bonde em 1947 e do surgimento de ônibus, expandindo-se o bairro para o Cocó, Mucuripe e São João do Tauape.

Reporta-se, ainda, o fato de famílias tradicionais que moravam no Centro da Capital, mas terminaram migrando para a Aldeota, construindo chalés e grandes casas com amplos jardins. É o caso

dos Macedo, dos Romcy, dos Bandeira de Melo, dos Martins de Lima, dos Raimundo Oliveira, Lineu Jucá, dos Moreira e muitos outros. Afluíram nessas décadas: os Melo Arruda, os Cartaxos, os Alencar, os Pamplona, os Arruda Lorda, os Jereissati, os Campelo, os Gentil, mais para os lados da praia.<sup>43</sup>

Como ocorreu da outra vez, deixo de reproduzir os parágrafos em que a autora enumera mais nomes de

---

42 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 27.

43 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 28.

famílias, como Escócia, Fiúza, Gadelha, Bonfim, Barros Leal e muitas outras, inclusive algumas cuja migração se dera anteriormente, como João Jacques, Paurilo Barroso, Ximenes Aragão, Arruda Gomes, Atanázio, Moura Leite, Góes Ferreira e muitas mais...

No capítulo “Anos setenta”, pode-se ler:

A década de setenta foi de grandes expansões das artérias: a Avenida Santos Dumont estendeu-se à Cidade 2000; a Avenida Estados Unidos que prolongou-se após o Cocó e do outro lado o Planalto tomando várias denominações: Aldeota Sul, Nova Aldeota, Aldeota Planalto, interligando-se à Avenida Washington Soares, ao Sul, dando ensejo a um passeio onde foram construídas a UNIFOR (Universidade de Fortaleza) e a Imprensa Oficial, em 1973, e ainda o Centro de Convenções, com múltiplas utilidades: conferências, encontros religiosos e muitos outros espetáculos cívicos e sociais.<sup>44</sup>

A avenida Estados Unidos, todo mundo sabe, é atualmente a avenida Senador Virgílio Távora. E realmente nessa década houve essa multiplicação de Aldeotas.

Volto a exprimir minha admiração pela memória privilegiada de Ione Arruda Gomes, cujo livro, quase um

---

44 GOMES, Ione Arruda. Op. cit., p. 30.

opúsculo, que me foi emprestado pela bibliotecária Madalena Figueiredo, foi-me de grande utilidade. Mais do que isso: como pôde notar o leitor, foi o único usado neste capítulo.

## Sobre as praças da Aldeota

No dia 24 de dezembro de 1877 (leio na *Cronologia* tantas vezes citada aqui) foi lançada a pedra fundamental do Asilo de Mendicidade, através de subscrição promovida pelo Barão de Ibiapaba. No citado livro está dito que foi “demarcado grande terreno no Outeiro, futura Aldeota”, recebendo o logradouro o nome de Praça Barão de Ibiapaba. Ao que se acrescenta: “Depois foi Praça do Asilo, Do Colégio Militar, Benjamin Constant, e hoje é Praça da Bandeira. É conhecida por ‘Praça do Cristo Rei’ por nela ficar a Igreja do Cristo Rei”.<sup>45</sup>

É o caso de alguém estranhar a inclusão da Praça da Bandeira (ou Praça do Cristo Rei), quando se sabe que, pelos limites oficiais atualmente em vigor, a Aldeota, no rumo do oeste, vai apenas até a rua João Cordeiro. Acontece que me baseio um pouco na minha própria memória e na de meus contemporâneos. Além do citado trecho da *Cronologia* do Nirez, em que está dito que o

---

45 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: BNB/UFC, 2001, v. 1, p. 46.

terreno demarcado estava “no Outeiro, futura Aldeota”, minha irmã, de quem já falei, no tempo em que morávamos na Aldeota, na casa de propriedade de Emílio Hinko, tinha 13 ou 14 anos de idade e hoje se lembra perfeitamente do teatro das Limas na Aldeota.

Mas não é só: de tanto pesquisar, encontrei algo mais concreto. Dentro do verbete “Fortaleza” da primeira edição do livro *O Ceará*, de Raimundo Girão e Martins Filho, de 1939, há a planta, então atualizada, da Capital cearense, e basta dizer que a Praça Benjamin Constant (que é a da Igreja do Cristo Rei) encontra-se exatamente entre o Outeiro, à esquerda, e a Aldeota, à direita.

A Igreja do Cristo Rei, cuja bênção ocorreu no dia 29 de maio de 1930, na rua Nogueira Acioli, teria, no dia 13 de abril de 1952, sagrado solenemente o altar de Nossa Senhora de Fátima, pelo arcebispo metropolitano, Dom Antônio de Almeida Lustosa, segundo informa a *Cronologia* de Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), aqui já várias vezes citada. Em outro ponto de seu livro, informa o pesquisador, falando desse mesmo templo: “Foi a primeira igreja católica sem uma cruz no topo”.<sup>46</sup>

E volto ao livro de Ione Arruda Gomes para transcrever este breve trecho sobre essa igreja: “A poucos passos da Avenida Santos Dumont erguia-se a Igreja do Cristo

---

46 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Op. cit., v. 1, p. 222.

Rei com suas arcadas em ogival, teto alto, a grande imagem central; a igreja também atendia os paroquianos da Aldeota”.<sup>47</sup>

Fica essa praça entre as ruas Dona Leopoldina e Nogueira Acioli.

Dona Leopoldina (1797-1826) era Maria Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, e primeira mulher de D. Pedro I, portanto, mãe de D. Pedro II. Nasceu na Áustria e faleceu no Brasil.

Quanto a Nogueira Acioli (1840-1921), era Antônio Pinto Nogueira Acioli, que nasceu no Icó e faleceu no Rio de Janeiro. Deputado e Senador do Império e da República, governou o Ceará em três quadriênios. Foi deposto por levante popular em 1912. A rua Nogueira Acioli se chamava rua da Aldeota.

E chego à praça Portugal, que mereceu um livro inteiro, organizado pela escritora Ângela Barros Leal.

Foi ela criada na administração de Jorge Moreira da Rocha, em 1947. No dia 10 desse ano, Antônio Cristalino Fernandes, pai da escritora Lúcia Fernandes Martins (esposa do jurista e escritor Fran Martins), dirigiu-se à Comissão do Plano de Urbanização de Fortaleza:

---

47 GOMES, Ione Arruda. *Imagens indelévels*: primeiros contatos com o bairro Aldeota. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 27.



Na carta, apontava que a Praça Nunes Weyne, prevista para ser estabelecida no loteamento Lydiópolis, bairro da Aldeota, não figurava no anteprojeto do plano. E justamente por não figurar é que o urbanista Saboia Ribeiro localizara outra praça, no terreno de número 37, pertencente a Fernandes.

Falha e solução eram apresentadas de imediato.<sup>48</sup>

O desenho da planta apresenta a origem do que seriam futuramente as avenidas Desembargador Moreira (que à época se denominava Otto de Alencar) e Dom Luís, que tinha então o nome de Farias Brito. No cruzamento de ambas deveria localizar-se a Praça Nunes Weyne:

No meio do areal e do descampado que ainda era essa parte da Aldeota, a 700 metros do mar, com veredas precariamente abertas entre coqueiros e cajueirais, a praça se impunha como um dos espaços livres pensados por Saboia Ribeiro para o lazer dos futuros moradores da região.<sup>49</sup>

Interessante é que essa praça, que tivera uma inauguração no dia 27 de maio de 1947, vai ser reinaugurada (ou inaugurada oficialmente, se se preferir) no dia 6 de

---

48 LEAL, Angela Barros. *Praça Portugal: um laço entre Portugal e o Ceará*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009, p. 59.

49 LEAL, Angela Barros. Op. cit., p. 61.

abril de 1968, na administração do prefeito José Walter Cavalcante. Como está dito no livro *Praça Portugal*, com base em notícia da imprensa:

Vê-se uma plataforma elevada, erguendo-se de um espelho de água, tendo ao lado um monumento no qual está desenhada, em mosaico, uma caravela de velas enfunadas. Sobre o piso de pedrinhas, em torno dele, não há vegetação alguma.<sup>50</sup>

Há alusão a “uma fonte luminosa (...), ligada nas noites de sábado e domingo”<sup>51</sup>, que é certamente aquela a que aludia o cronista Milton Dias nas *Cartas sem resposta*.

Mas a forma com que a Praça Portugal se nos apresenta em nossos dias (e que talvez mude brevemente) está descrita com fidelidade nesse trecho do livro *Praça Portugal*, citado:

Ergueu-se um pórtico em forma de arco, voltado para a avenida Dom Luís. De seu ápice descia uma esfera armilar em aço courtain, aço de navio, com alta durabilidade, eternizando o instrumento náutico utilizado pelos navegantes da Escola de Sagres, cuja importância simbólica e a coerência formal o posicionavam como elemento principal.<sup>52</sup>

---

50 LEAL, Angela Barros. Op. cit., p. 64.

51 LEAL, Angela Barros. Op. cit., p. 68.

52 LEAL, Angela Barros, Op. cit., p. 82.

Construída com o fundamental apoio de diversas autoridades portuguesas, a Praça Portugal inspirou ao cônsul Neto Brandão estas palavras de alto significado:

É ela quem dá as boas vindas aos turistas. Todos os que vêm do aeroporto circulam a praça, a caminho das praias e dos hotéis, ou em algum momento irão circular por ela, e certamente são os momentos mais agradáveis. Além de ícone, a praça tem sido, para a comunidade portuguesa, uma demonstração de carinho do Ceará com Portugal. Não a vemos como praça dos portugueses, mas sim dos cearenses.<sup>53</sup>

Ainda falando do aspecto atual dessa praça, retomo agora a descrição que se lê no livro de Angela Barros Leal:

Abaixo da esfera, um cubo recoberto em granito tinha três de suas faces ocupadas com a simbologia previamente definida: o brasão português, a estrela de seis pontas e o glorioso trecho do Canto VII de Os Lusíadas, louvando o espírito desbravador do povo lusitano, para quem, se mais terras existissem, a esses lugares certamente haveriam de ir.<sup>54</sup>

---

53 Apud LEAL, Angela Barros. Op. cit., p. 88.

54 LEAL, Angela Barros. Op. cit., p. 82.

Transcrevo aqui os versos finais da décima quarta oitava rima do poema mais do que célebre de Camões:

*De África tem marítimos assentos;  
É na Ásia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara,  
E, se mais mundo houvera, lá chegara.*

Ainda sobre a Praça Portugal, deixo uma palavra sobre as belas árvores de Natal que, na época dessa celebração, embelezam o local com suas luzes que mudam de cor, a cada ano.

E uma informação sobre quem foi o Desembargador Moreira (1869-1934). Chamava-se José Moreira da Rocha, nasceu em Sobral, CE, e veio a falecer no Rio de Janeiro. Desembargador da Relação do Ceará, foi Deputado Federal e presidiu o Estado de 1924 a 1928.

Mas na Avenida Dom Luís, nas imediações do que seria a Praça Portugal, residiu o casal de escritores Lúcia Fernandes Martins e Fran Martins. Os dois eram ficcionistas e membros do Grupo Clã, do qual tenho dito que consolidou o Modernismo no Ceará. Mas Fran, além de contista e romancista, era jurista, com inúmeras obras no campo do Direito Comercial, disciplina que ministrava na Faculdade de Direito da UFC.

A meu pedido, Stênio Martins, neto do escritor e professor, escreveu um depoimento do qual reproduzo alguns trechos. Revela ele que Fran Martins morava na avenida Rui Barbosa, onde houve diversos encontros de componentes do citado Grupo Clã e que se mudou para a avenida Dom Luís em 1970:

Lembro bem que na casa da Dom Luís 532 houve um almoço para acompanhar a final da Copa de 70.

(...) Praticamente todos os sábados havia um almoço de família onde meu tio Cláudio, juntamente com tia Irene, além das irmãs Eulália (e Gerardo Carneiro), com a outra irmã, Maria de Lourdes Martins, eram presenças certas. Milton Dias também era presença constante.

Meu tio Martins Filho eventualmente também aparecia.

Recordo-me de um almoço para o Jorge Amado e a Zélia Gattai nos anos 80.

Após a aposentadoria da Faculdade de Direito, meu avô passou a trabalhar exclusivamente em casa. Na biblioteca diariamente trabalhava em seus livros e pareceres de Direito. Ele recebia, com certa frequência, professores, alunos, assim

como advogados, a sua maioria representantes de empresas de outros estados, que o procuravam para que redigisse pareceres sobre casos complexos no âmbito do Direito Comercial.

Boa parte da biblioteca de mais de 15 mil exemplares foi doada pela família para a Academia Cearense de Letras. Assim como diversos quadros do Chico da Silva para o MAUC.

Este depoimento me foi enviado pela Internet, no dia 4 de junho de 2014.

Agora é a vez da praça, que no dia 7 de maio de 1945 recebeu o nome de Praça Clóvis Beviláqua e que, em 27 de junho de 1965, passou a se chamar Bosque General Eudoro Corrêa, depois de ter sido, em 1960, José Acioli.

O Bosque General Eudoro Corrêa, que fica em frente ao Hospital Militar do Exército, é cercado pelas avenidas Desembargador Moreira e Padre Antônio Tomás, e pelas ruas Eduardo Garcia e Barbosa de Freitas.

O Padre Antônio Tomás (1868-1941) nasceu no Acaraú, CE, e faleceu em Fortaleza. Exerceu o paróquio por mais de trinta anos, deixando as atividades paroquiais em 1924, por motivo de saúde. Em concurso promovido pela revista *Ceará Ilustrado*, foi eleito, em 1925, Príncipe dos Poetas Cearenses. Alguns de seus sonetos obtiveram

fama nacional, mas nunca publicou livro, tendo deixado um pedido, em seu testamento, para que nunca fossem editados coletivamente seus versos.

Eduardo Garcia (?-?) foi um abastado seringalista cearense radicado na Amazônia, onde prestou relevantes serviços aos conterrâneos cearenses.

Quanto a Barbosa de Freitas (1860-1883), chamava-se Antônio Barbosa de Freitas. Nasceu na cidade de Jardim, CE, e faleceu em Fortaleza, na Santa Casa de Misericórdia. Considera-se controvertida a data do seu nascimento, mas o jornal *Pedro II*, de 27 de janeiro de 1883, diz numa nota que ele morreu no dia 24 daquele mês, “contando apenas 23 anos e 2 dias de idade”. Verdadeiro boêmio, ganhou fama como poeta, e se finou em completa miséria. Publicou *D. Juan Cacique. Poema biográfico ou a Epopeia do famoso João dos Santos* (1881) e *Helveciadas* (1881). Seus amigos fizeram publicar, em 1892, suas *Poesias*, a fim de erigir-lhe um túmulo.

No Bosque General Eudoro Corrêa todos os dias podem ser vistas pessoas caminhando, no chamado *cooper*, para melhorar o preparo físico. A praça está cheia de locais onde são vendidas plantas de variadas espécies: há aquelas que são de caráter ornamental, com ou sem flores, como bouganvillea, orquídea, minirrosas, acácia, antúrio, bom-dia, boa-noite, hortênsia, espada-de-são-jorge, dracena,

trevo, jiboia, comigo-ninguém-pode; e mudas de árvores, como angico, cumaru, paineira, catingueira, flamboyant, mogno, vários tipos de palmeiras ou cactáceas, e mais bacu- pari etc., não faltando variedades de ipê (caraúba, roxo, róseo e amarelo). Há também pimenteiras e plantas frutíferas, e é o caso de mangueira, pitangueira, ateira, romãzeira, tangerineira etc.

E já que estou falando de praças, considero oportuna a transcrição de trecho da coluna jornalística de Neno Cavalcante, “É...”, do *Diário do Nordeste*:

### Eternos amigos do alheio

O tema já foi abordado aqui e os culpados permaneceram na moita, não disseram nem sim nem não, decerto apostando que tenho memória fraca. Vão pensando... A) Nos anos 50, a Empresa terrenos Ltda. loteou a Aldeota, bairro de classe média, média alta e alta. B) Por convicção dos proprietários e também por exigência dos administradores públicos – que na época não eram tão negligentes e gananciosos como os atuais – foram reservados espaços verdes que no futuro se transformariam em parques e praça.



## Do alheio 2

C) Mais tarde, as áreas públicas foram invadidas (no caso, o termo invasão cai bem) por especuladores imobiliários que fizeram fortunas. E as áreas de lazer jamais foram feitas. Hoje, muitas áreas nobres também são invadidas.<sup>55</sup>

## Mais um pouco de ficção

Já tive, capítulos atrás, oportunidade de reproduzir trechos de romances falando do bairro da Aldeota. No caso do romance de Jáder de Carvalho, para comentar o nascimento e o desenvolvimento do bairro. Adolfo Caminha compareceu com dois livros, seu único livro de crítica e o primeiro romance, para falar da antiguidade da Aldeota, que existia ao mesmo tempo em que o Outeiro. O mesmo foi feito com o romance-folhetim de Oliveira Paiva, pelo mesmo motivo.

Agora meu objetivo é mostrar a presença da Aldeota, de passagem ou mais demoradamente, em dois contos e numa crônica de autores cearenses contemporâneos. Seguindo a ordem cronológica das publicações, encontro apenas um parágrafo no conto “Dois dedos de ‘cana’

---

55 CAVALCANTE, Neno. “É...” *Diário do Nordeste*. Fortaleza: 09.05.2014.

evitam uma tragédia”, do meu primo Zorrillo de Almeida Sobrinho, no livro *Velhos contos, novos contos* (1997), sendo que a narrativa citada, fazendo parte das mais antigas, deve ter sido escrita na década de 1940. Fala do personagem central:

Aí pelos meados do ano da graça de 1937, numa festinha de domingo, no areal da Aldeota, onde houve muita cachaça e muita briga, no momento em que um pau-d’água arremetia com uma faca para uma moça, atravessou-se-lhe na frente, conseguindo aparar, a tempo, um golpe que seria fatal.<sup>56</sup>

É interessante constatar como, em 1937, a Aldeota ainda tinha as areias das quais falara Adolfo Caminha, quarenta e dois anos antes...

E curioso é o fato de um conto do livro *Os Sinos de Encarnação* (2012), “As histórias que Mabel não podia contar”, de Angela Gutiérrez, escrito já no século XXI, mostrar uma Aldeota do passado. A explicação, a meu ver, está na dedicatória do conto: “Para meu Pai, Luciano Mota, que hoje ouve o canto dos anjos, e que foi, por alguns anos, um menino da antiga Aldeota”.<sup>57</sup>

---

56 ALMEIDA SOBRINHO, Zorrillo de. *Velhos contos, novos contos*. Campo Grande, MS: ANE, 1997, p. 25.

57 GUTIÉRREZ, Angela. *Os Sinos de Encarnação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012, p. 155.

Reproduzo do conto, naturalmente, apenas a primeira página, em que há alusão à antiga Aldeota:

Desterrado na longínqua Aldeota, onde a família vai morar, o menino vê com pena o pai afastar-se, montado em cavalo manso, para ir trabalhar em sua botica na praça, tão longe...

Ali na Aldeota, não tinha igreja, nem pracinha, nem cinema, nem coreto, nem banda de música, só o sítio no meio do mato. Quando o pai chegava a cavalo, de noitinha, era a única hora animada do dia. Trazia notícias da idade. Novidades. A mãe fazia perguntas e ficava sabendo quem nasceu, quem casou, quem adoeceu. Às vezes, quem morreu.

Nos domingos, ia com os pais e os irmãos à missa e aos avós, na cidade. Os meninos ganhavam afagos, lembranças. Assistiam à matiné com a Mabel. Era bom. No resto da semana, na Aldeota, a mãe ensinava as letras pela cartilha e a rezar a ave-maria. Todo santo dia. Ali era mesmo que não ser cidade.

Na cidade, gostava de brincar no Passeio Público, de correr na calçada, de ver a praça iluminada. Na Aldeota, tudo era escuro de noite, e tinha medo de bicho que sai das sombras para atacar menino pequeno.

– Tem bicho grande não, a Mabel cansava de dizer. Só sapo, jia, calango, formiga, preá.<sup>58</sup>

Tenho que registrar uma coincidência: conversava com o meu amigo Cláuder Arcanjo, cearense de Santana do Acaraú (Licânia em 1943), sobre minhas pesquisas em busca de textos que falassem da Aldeota.

De repente ele me revelou ter inédita, para ser publicada naqueles dias em um periódico de Mossoró, RN, onde ele mora, uma crônica falando justamente de um cearense do interior que vem a Fortaleza e se põe a procurar o bairro da Aldeota. E, com efeito, o texto foi estampado na *Gazeta do Oeste*. Ei-lo:

Do interior, Antônio sempre a sonhar com a capital;

Jovem, estudante secundarista, a viagem. No ônibus, os olhos postos no desfile de novidades pela janela. Estômago embrulhado, estrada carroçável. Quando, quase em êxtase, cruzou os arredores de Caucaia, as luzes da Aldeota já brilhavam nos seus olhos provincianos.

Fortaleza, enfim. Na Avenida Mister Hull, um quê de aventura e sigilo. Na Bezerra de Menezes, o espírito consumado da grande metrópole. No

---

58 GUTIÉRREZ, Angela. Op. cit., p. 157.

Mercado São Sebastião, a (re)lembração das coisas e frutos de Licânia, agora tão distante. No Centro, entre a General Sampaio e a Avenida Dom Manuel, o arpejo ancestral da Praça do Ferreira. “Onde estaria a Aldeota?”

A Duque de Caxias o arrastou, em meio a buzinas e freios, até a estranha e inquieta paz da Heráclito Graça. Mais à frente, a Júlio Ventura; e a curva, na José Vilar, para o levar para a Padre Antônio Tomás. Em Licânia, nome da praça principal. Naquele desmundo, o Príncipe dos Poetas Cearenses ganhou forma de bela avenida. Sant’Anna no chão de Nossa Senhora da Assunção. “Deve haver mais poetas e gente do povo nas placas dos logradouros?” De lá, disseram-lhe, ouvidos frouxos, a certeza de chegar a Antônio Sales, Dom Luís ou a Santos Dumont. Becos e ruas; de repente, seguidas vezes, o giro pela Praça Portugal, num rio de encruzilhadas. Varjota, Meireles, Cocó, Dionísio Torres, Papicu, Joaquim Távora... “Onde ficaria, então, a legítima Aldeota?”

Resolveu seguir. Em frente, pra frente na João Cordeiro. Sem rumo certo.

Deu por si no Mucuripe, onde uma jangada vespertina drapejava e flanava entre o farol velho e o mar. Verdes mares.

Retornou. Numa sede esquisita, serenada por uma água de coco no Estoril. Nas areias da Praia de Iracema, o licaniense foi e voltou, subiu e desceu, fuçou e mexeu para... se ver abençoado, e batizado, nas ondas telúricas, sob o testemunho da brisa louçã, sem nunca descobrir o verdadeiro segredo do suave acalanto da lúdica aldeia. Ou seria sua nova pequena cidade?

Aldeota, Praia do Futuro... Licânia à beira-mar.<sup>59</sup>

Foram poucos os textos em verso sobre a Aldeota. Em compensação, o mesmo não se pode dizer da ficção narrativa.

## **Linhas de bonde e de ônibus**

**A**brindo o livro *O Bonde e outras recordações* (2005), de Zenilo Almada, vai o leitor encontrar, no capítulo oitavo, esta informação:

Na sua exuberância, o bonde Outeiro – Aldeota fazia o aprazível percurso: saía da Travessa Morada Nova, por detrás do prédio da antiga Assembleia, dobrava à direita na rua Floriano Peixoto até chegar na Travessa Crato, quando

---

59 ARCANJO, Clauder. “Aldeota”. *Gazeta do Oeste*. Mossoró, RN: 11. 05.2014, Expressão, p. 2.

entrava à direita, seguia até a rua São José (antigo Beco das Almas) e entrava na rua Visconde de Saboia ao lado do Colégio da Imaculada entrando à esquerda na Avenida Santos Dumont e seguindo em linha reta até a rua Silva Paulet, próximo ao número 2.110 da Avenida Santos Dumont.<sup>60</sup>

Os bondes, ainda de tração animal em Fortaleza, cujos trilhos vinham da década de 70 do século XIX, eram da Companhia Ferro-Carril do Ceará, inaugurada em abril de 1880, mas o que nos interessa está neste trecho da tão citada Cronologia do Nirez: “É fundada em Fortaleza, no dia 24 de abril de 1896, a Companhia Ferro-Carril do Outeiro (Aldeota), que inaugurou sua primeira linha no dia 12 de outubro. Era dirigida por F. H. Harding”<sup>61</sup>.

Os bondes elétricos começaram a circular em outubro de 1913. Deixariam de funcionar em 1947.

Encontro, no *Almanaque do Ceará*, para o ano de 1907, informações que me parecem preciosas:

---

60 ALMADA, Zenilo. *O Bonde e outras recordações*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005, p. 93.

61 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: BNB/UFC, 2001, v. 1, p. 67.

FERRO-CARRIL DO OUTEIRO  
(sociedade anônima)

Capital . . . . . 40:000\$000

Fundada em 24 de abril de 1896 e inaugurada a linha para o Outeiro a 12 de outubro do mesmo ano.

Parte da Praça do Ferreira, segue pelas praças General Tibúrcio, José de Alencar, ladeia o Mercado, atravessa a praça Caio Prado, rua S. José, praça Figueira de Melo, rua Gustavo Sampaio, até à praça Benjamin Constant com o percurso de 1.500 metros. Por acordo com a ferrovia do Cocó leva os seus carros até a Aldeota por mais 700 metros.

O horário e passagem são os mesmos estabelecidos para a Companhia Ferro-Carril do Ceará.<sup>62</sup>

A diferença entre esse trajeto e o que figurou páginas atrás e que está no livro de Zenilo Alamada talvez se deva à divergência de épocas.

Quanto às linhas de ônibus, Lívio Severiano de Azevedo, meu filho, pesquisou as linhas 037 – Conjunto

---

62 *Almanaque do Estado do Ceará* para o ano de 1907. Fortaleza: Tipolitografia a Vapor, 1907, p. 92.



Ceará/Aldeota e 804 – Aldeota, e descobriu, nesta última, uma curiosidade que o leitor confirmará.

Primeiro, a linha 037 – Conjunto Ceará/Aldeota tem o seguinte trajeto na ida: Terminal Conj. Ceará, Avenida L/Conj. Ceará, Avenida Ministro Albuquerque Lima, Av. B/Conj. Ceará, Avenida D/Conj. Ceará, Rua José Mendonça, Av. Senador Fernandes Távora, Rua Cardeal Arcoverde, Rua Azevedo Barreto, Rua Raimundo Ribeiro, Rua Azevedo Barreto, Rua Hipólito Pamplona, Rua Cel. Joaquim Franklin, Rua Salgado Filho, Avenida Mister Hull, Avenida Bezerra de Menezes, Rua Justiniano de Serpa, Avenida Domingos Olímpio, Avenida Antônio Sales, Avenida Barão de Studart, Avenida Santos Dumont, Rua Osvaldo Cruz, Rua Torres Câmara, Avenida Des. Moreira, Alça Rotatória da Praça Portugal, Avenida De. Moreira, Avenida Antônio Justa, Rua Frei Mansueto, Rua Júlio Abreu, Rua Prof. Silas Ribeiro, Avenida Eng. Santana Júnior, Rua Lauro Nogueira e Terminal Papicu. Na volta: Terminal Papicu, Rua Pereira Miranda, Avenida dos Jangadeiros, Avenida Santos Dumont, Rua Frederico Borges, Avenida Dom Luís, Avenida Sem. Virgílio Távora, Rua Barbalha, Rua José Napoleão, Avenida Antônio Justa, Rua Barbosa de Freitas, Rua Ana Bilhar, Avenida Des. Moreira, Alça Rotatória da Praça Portugal, Avenida Des. Moreira, Avenida Santos Dumont, Rua Tibúrcio Cavalcante, Rua Costa Barros, Avenida Barão de Studart, Rua Pe. Valdivino, Rua Antônio Pompeu, Rua Pe.

Mororó, Avenida Domingos Olímpio, Rua Justiniano de Serpa, Avenida Bezerra de Menezes, Avenida Mister Hull, Rua Hipólito Pamplona, Rua São Vicente de Paula, Rua Pe. Perdigão Sampaio, Rua Cel. Joaquim Franklin, Rua Hipólito Pamplona, Rua Azevedo Barreto, Rua Raimundo Ribeiro, Rua Azevedo Barreto, Rua Cardeal Arcoverde, Avenida Se. Fernandes Távora, Rua José Mendonça, Avenida D/Conj. Ceará, Avenida B/Conj. Ceará e Terminal Cj. Ceará.

No trajeto da linha 804 – Aldeota vem a curiosidade há pouco anunciada, que é o fato de essa linha ter unicamente o nome de Aldeota e estranhamente não passar por esse bairro. Ida: Rua Luís Tibúrcio, Rua Prof. Luís Costa, Rua Osmundo Cavalcante Oliveira, Avenida Areia Branca, Rua Veneza, Rua Princesa/Conj. São Pedro, Rua Airton Sena/Conj. São Pedro, Rua Brisa do Mar, Rua Josias Paulo de Souza, Avenida Dolor Barreira, Rua José Carlos Gurgel Nogueira, Rua Prof. Heráclito, Rua Júlio Azevedo, Rua Oliveira Viana, Rua Eng. Plácido Castelo Júnior, Rua Argemiro de Carvalho, Avenida Eng. Santana Júnior, Rua Fausto Cabral, Rua Des. Valdetário Pinheiro Mota, Avenida Eng. Alberto Sá, Avenida Eng. Santana Júnior, Rua Des. Lauro Nogueira e Terminal Papicu. Na volta: Terminal Papicu, Rua Pereira Miranda, Avenida dos Jangadeiros, Rua Prof. Silas Ribeiro, Avenida Eng. Santana Júnior, Rua Eng. Plácido Castelo Júnior, Rua Oliveira Viana, Rua Júlio Azevedo, Rua Prof. Heráclito,

Rua José Carlos Gurgel Nogueira, Avenida Dolor Barreira, Rua Josias Paulo de Sousa, Rua Brisa do Mar, Rua Airton Sena/Conj. São Pedro, Rua Princesa/Conj. São Pedro, Rua Veneza, Avenida Dolor Barreira, Rua Estrela do Oriente, Rua Pescador Chico Bindá, Avenida Areia Branca, Rua Osmundo Cavalcante Oliveira, Rua Terra e Mar e Rua Luís Tibúrcio. Não há nessa lista uma só rua que esteja no bairro da Aldeota, o que é, no mínimo, estranho...

Por outro lado, até pouco tempo havia uma linha de ônibus denominada Parque Americano, isso porque o parque desse nome, de Salomão Benício Sampaio, funcionava na rua Padre Valdivino, no cruzamento com a rua Ildefonso Albano, e marco da época. Pelo menos aí pelos anos 50 do século XX ainda existia o Parque Americano.

## A Avenida dos colégios

**N**ão creio ter havido uma rua com maior número de colégios do que a avenida Santos Dumont.

Foram cinco estabelecimentos de ensino, cuja existência não posso garantir haja sido simultânea, mas o certo é que podem aqui ser enumerados.

### Escola Normal Justiniano de Serpa

Como escola Normal, era no Centro, na Praça Marquês do Herval, hoje Praça José de Alencar, isso, ainda no século XIX. Em 1925 passou a se chamar Escola Normal Pedro II; em 1939, passou a se denominar Escola Normal Justiniano de Serpa, situada na Praça Figueira de Melo, em frente à Igreja do Pequeno Grande.

Quanto a Figueira de Melo (?-?), cujas datas de nascimento e de morte não consegui encontrar, diz dele o Barão de Studart:

Foi o comandante do 26º de voluntários, e dizer isso é fazer-lhe o elogio de herói; regou com seu sangue os campos de Estero Bellaco e Tuiuti na campanha contra o Paraguai.

Fazendo com seu batalhão o serviço de vanguarda depois de postar as sentinelas quis experimentar se elas estavam alertas e se cumpriam as ordens, que tinham, de atirar sobre quem lhes aparecesse, saiu de uma barraca por noite escura e de repente apresenta-se diante de uma das guardas; o soldado não hesitou e fez fogo; Figueira caiu redondamente morto; a bala do seu soldado varara-lhe o coração.

Possuía várias condecorações.<sup>63</sup>

### Colégio da Imaculada Conceição

Inaugurado em março de 1857 com o nome de Colégio de Educandos de Fortaleza, foi instalada em 15 de agosto de 1865 com o nome de Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas Irmãs de Caridade.

No ano anterior, 1864, tinha o nome de Colégio das Órfãs, quando foi o primeiro prédio a abrigar o Seminário Diocesano ou Seminário Episcopal, ao tempo do primeiro Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, como informa a *Cronologia* do Nirez.<sup>64</sup>

---

63 STUDART, Dr. Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: v. 1, Tipolitografia a Vapor, 1910, p. 299.

64 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza*: Fortaleza: v. I, BNB / UFC, 2001, p. 38.

Foi no Colégio da Imaculada Conceição que Rachel de Queiroz, a futura autora do romance *O Quinze*, concluiu o curso normal em 1925, com quinze anos de idade.

### Colégio Militar

Criado em 1889 com o nome de Escola Militar, funcionou até 1897. Foi tão importante seu papel na cultura cearense que Rodrigues de Carvalho, escritor paraibano que pertenceu à Academia Cearense, afirmou, em um estudo de 1899: “É uma verdade incontestável que a Escola Militar trouxe para o Ceará senão todo o elemento da nossa vida literária ao menos um prurido de atividade mental: revistas, agremiações literárias, opúsculos etc.”.<sup>65</sup>

No ano de 1938 passou a se denominar Colégio Floriano, sendo que em 1942 foi criada a Escola Preparatória de Fortaleza, em seu lugar. Extinta esta em 1961, reapareceu como Colégio Militar no ano seguinte, como consta da *Cronologia* do Nirez, tantas vezes aqui mencionada.

---

65 CARVALHO, Rodrigues de. “O Ceará literário (nestes últimos dez anos)”. In: *Revista da Academia Cearense*, t. IV, 1899, p. 170.

## Colégio São João

Esse estabelecimento de ensino foi fundado com o nome de Ginásio São João, como está dito em artigo que consta da primeira edição do livro *O Ceará* (1939), de Raimundo Girão e Martins Filho:

Dentre os inúmeros e importantes estabelecimentos de educação da Capital Cearense, distingue-se como um dos mais bem aparelhados e modelares o GINÁSIO SÃO JOÃO, fundado em 1930 pelo competente professor de matemáticas Dr. César de Adolfo Campelo, sob o patrocínio do Sr. João da Frota Gentil, conceituado banqueiro em nosso Estado.

Confortavelmente instalado em prédio moderno e amplo, localizado na Aldeota, o bairro aristocrático e mais aprazível da cidade, adaptado a todas as exigências das leis e regulamentos que orientam o ensino nacional, o GINÁSIO S. JOÃO, desde o seu início, tem podido preencher cabalmente as suas nobres finalidades, instruindo e preparando para os labores culturais grande contingente da mocidade do Ceará.<sup>66</sup>

A partir da década de 1940, passaria a ser dirigido

---

66 GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939, p. 443.

pelo professor Odilon Braveza. Segundo registra Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), em sua tão citada *Cronologia*:

O Ginásio São João, localizado na Avenida Santos Dumont, na Vila Quixadá, casa construída por Adolfo Quixadá e que foi residência oficial dos presidentes de Estado, no dia 2 de fevereiro de 1943, passa a denominar-se Colégio São João.<sup>67</sup>

### Colégio General Osório

Fundado no dia 10 de maio de 1970, o Colégio General Osório, dirigido pelo major Asthon Guilherme da Silva, começou suas atividades no ano seguinte, substituindo o Curso General Osório, que preparava alunos para o Colégio Militar de Fortaleza.

Esses foram os colégios que fizeram a avenida Santos Dumont chegar a ser denominada “o corredor dos colégios”.

---

67 AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Op. cit., v. 1, p. 182.



## Shoppings e ponto final

### *Center Um shopping*

Foi o primeiro shopping não somente da Aldeota, mas de Fortaleza, inaugurado no dia 6 de novembro de 1974, numa iniciativa do empresário Tasso Jereissati.

Segundo informa Augusto César Benevides, o Center Um “teria como loja-âncora o Pão de Açúcar-Jumbo, que tinha como símbolo um elefante”.<sup>68</sup>

Esse elefante simpático, que segurava com sua tromba um trevo de quatro folhas, e que, por acaso, eu havia visto no ano anterior em Brasília, terminou desaparecendo, ficando o Center Um somente com o trevo.

Concentrando várias lojas em um só lugar, o que era uma inovação, “o Center Um abrigaria um cinema e uma área de lanchonetes, algumas operando no sistema de ‘fast-food’”. Responsável pela campanha publicitária do shopping, Augusto César Benevides convidou o compositor e cantor Ednardo a fazer o jingle do evento, que comentou depois da inauguração: “A festa do Center Um, sem dúvida, foi um marco na cidade. Realmente,

---

68 BENEVIDES, Augusto César. *Entre o poder e a madrugada*. Fortaleza: RBS Gráfica e Editora, 2001, p. 28.

como dizia a letra do jingle do Ednardo, mudamos o centro da cidade para a Aldeota”.<sup>69</sup>

A arquiteta e historiadora Albertina Mirtes de Freitas Pontes escreveu em *A Cidade dos clubes*, seu livro publicado postumamente:

A inauguração do “Center Um” (...) representou um golpe decisivo na hegemonia do centro. O primeiro shopping center da cidade, localizado na avenida Santos Dumont, induziu a instalação de um grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços na zona da Aldeota.<sup>70</sup>

O Center Um situa-se entre a Avenida Santos Dumont e as ruas Leonardo Mota, Barbosa de Freitas e Desembargador Leite Albuquerque.<sup>71</sup>

Leonardo Mota (1891-1948) chamava-se Leonardo Ferreira da Mota. Nasceu em Pedra Branca, CE, e veio a falecer em Fortaleza. Era da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Destacou-se como folclorista, o maior do Ceará. Entre seus livros, destaca-se *Cantadores* (1921), de grande êxito.

---

69 BENEVIDES, Augusto César. Op. cit., p. 28 e 38.

70 PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A Cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza*, de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2005, p. 78.

71 Agradecimentos a Soraya Costa, do Departamento de Marketing do Center Um.

O Desembargador Leite Albuquerque (1890-1969), Francisco Leite de Albuquerque, nasceu em Fortaleza e aqui veio a falecer. Foi Presidente do Tribunal de Apelação (hoje Tribunal de Justiça do Ceará) e Desembargador.

### *Shopping Aldeota*

A data de inauguração do Shopping Aldeota é 10 de dezembro de 1998. Tem ele uma área construída de 60.286 m<sup>2</sup>, sendo que 14.870 m<sup>2</sup> compreendem a área de lojas, com dezenove quiosques e 480 salas comerciais. Com um estacionamento de duas mil e quatrocentas vagas rotativas, dispõe o shopping de nove elevadores.

O edifício tem vinte andares. Esse empreendimento que, além de lojas e uma praça de alimentação, possui cinemas, proporciona três mil e quatrocentos empregos indiretos.

Fica o Shopping Aldeota situado entre as avenidas Dom Luís e Desembargador Moreira e as ruas Barbosa de Freitas e Marcos Macedo. Algumas informações sobre este último nome: Marcos Antônio de Macedo (1808-1872), que nasceu em Jaicós, PI, faleceu em Stuttgart, na Alemanha. Presidiu a Província do Piauí em 1847 e 1848. Segundo informação de Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), ele deixou uma Carta Topográfica do Ceará.

Quem procurar na Internet informações sobre esse shopping vai encontrar uma alusão ao Aldeota Open Mall, mas esse é o shopping Jardins Open Mall, hoje independente, e do qual falarei em seguida.

### *Jardins Open Mall*

O shopping Jardins Open Mall possui trinta lojas e é aberto, diferentemente dos outros, daí o Open do seu nome. Com um riacho que percorre sua extensão e repuxos, apresenta rica arborização com cerca de quinze tipos de plantas, entre nacionais e exóticas, que são identificadas por placas com seus nomes comum e científico. Para não encher a página com todas as designações, vão aqui apenas oito:

Zâmia (*Zamioculca*), Pata de elefante (*Beaucarnia recurvata*), Tamareira (*Phoenix canariensis*), Palmeira leque da China (*Livistona chinensis*), Coqueiro anão amarelo (*Cocus nucifera L.*), Dianella (*Dianella tasmanica*), Moreia (*Dietes bicolor*) e Sombrinha chinesa (*Cyperus alternifolius*).

Tendo sua origem remota em casa construída ainda na década de 50 do século XX, abrigou, nos anos 70, esse shopping aberto, a primeira loja. E outros estabelecimentos

comerciais migraram do centro de Fortaleza para a Aldeota, sendo que na década de 80 vieram lojas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Situa-se entre o Shopping Aldeota e o Del Paseo, tendo como limites a avenida Desembargador Moreira e as ruas Marcos Macedo, Barbosa de Freitas e Maria Tomásia.

Quanto a esse último nome, que surge aqui pela primeira vez, entendo que se trata de Maria Tomásia Filgueira Lima (1826-1902), natural de Sobral e que foi destacada abolicionista, tendo sido aclamada Diretora Geral da sociedade “Cearenses Libertadoras”, em 1883.

Em dezembro de 2000, o shopping Jardins Open Mall, cujo primeiro nome havia sido Aldeota Open Mal, foi reinaugurado com um projeto que privilegiava o paisagismo, com as citadas plantas, o riacho e até belos peixes ornamentais.

Em mais de um local lê-se seu simpático *slogan*: “O shopping mais verde e mais charmoso da cidade”.<sup>72</sup>

---

72 Agradecimentos a Tatiana Gurgel, Gerente de Marketing do shopping Jardins Open Mall.

## *Shopping Avenida*

O Avenida Shopping & Office foi inaugurado no dia 15 de dezembro de 1994, sob a forma de condomínio edifício. Foi pioneiro na criação de um *mix* de negócios que contempla não apenas lojas de varejo, mas também agrega a incorporação de salas comerciais. Além disso, vem ampliando seu setor de serviços. Possui amplo estacionamento.

Com 7.504,78 m<sup>2</sup> de espaço físico, compreendendo três pavimentos com duzentas e seis lojas e uma torre comercial de dez andares, abriga 286 salas e atende a vários bairros.

Dispondo de estacionamento amplo, situa-se entre a avenida Dom Luís e as ruas Marcos Macedo, Visconde de Mauá e Osvaldo Cruz.<sup>73</sup>

O Visconde de Mauá (1831-1889), Irineu Evangelista de Sousa, nasceu no Rio Grande do Sul e faleceu no Rio de Janeiro. De origem humilde, chegou a ser símbolo de sucesso empresarial, tendo criado, entre outras obras, a primeira linha férrea do Brasil.

Osvaldo Cruz (1872-1917), médico, cientista e sanitarista, nasceu em Paraitinga, SP, vindo a falecer em

---

73 Agradecimentos a Emonise Vasconcelos, Assistente de Marketing do Shopping Avenida.

Petrópolis, RJ, antes de concluir o mandato de Prefeito. Erradicou a febre amarela e a peste bubônica no Rio de Janeiro.

### *Shopping Del Paseo*

Existe esse shopping há mais de catorze anos, uma vez que foi inaugurado no dia 6 de dezembro do ano de 2000.

Com uma área de 11.200 m<sup>2</sup>, possui três pavimentos ligados por escadas rolantes e elevadores panorâmicos.

Tem estacionamento com 573 vagas rotativas, dispondo de serviço de manobrista, e gera mais de 600 empregos diretos e indiretos.

Em 2011, foi esse shopping adquirido pelo Grupo C. Rolim. Sofreu reformas e ampliação entre esse ano de 2011 e 2013. Nessa oportunidade, foi reformado o sistema de ventilação do estacionamento, com redução da temperatura, e foi reestruturado o sistema de entradas de acesso.

Abriga cerca de vinte lojas, além de dez estabelecimentos na Praça Gourmet. Quanto a serviços, conta com seis.<sup>74</sup>

---

74 Agradecimentos a Dora Toledo, Gerente Comercial do Shopping Del Paseo.

## *Pátio Dom Luís*

Esse shopping, inaugurado no dia 6 de abril de 2010, possui área de 8.500 m<sup>2</sup>, conta com cinquenta e seis lojas, bem como estacionamento com 600 vagas.

É o empreendimento de nossa Capital incorporado a um condomínio multifuncional, tendo quatro torres, duas comerciais e duas residenciais. As duas primeiras têm 759 salas e as duas segundas, 92 apartamentos. Cada torre é servida por elevadores.

Gastronomia, entretenimento e compras fazem parte do conjunto de lojas do Pátio Dom Luís.

Possui o Complexo um moderno sistema de monitoramento em que se registra tudo, com o objetivo de proporcionar a mais efetiva segurança durante vinte e quatro horas ininterruptamente.<sup>75</sup>

Fica o shopping situado entre a avenida Dom Luís e as ruas Marcos Macedo, Monsenhor Catão e Coronel Jucá.

O Monsenhor Catão (1874-1952) era Catão Porfírio Sampaio, que nasceu em Caucaia, CE, e faleceu em Fortaleza. Ordenou-se na Capital cearense em 1902

---

<sup>75</sup> Agradecimentos a Salmo Gabriel, Coordenador de Marketing do Pátio Dom Luís.



e exerceu as atividades sacerdotais em cidades cearenses durante cerca de trinta anos, terminando por ser capelão da Igreja do Rosário.

Já o Coronel Jucá (?-?) se chamava Antônio Francisco de Queiroz Jucá, nascido em Quixeramobim e comandante de um dos batalhões de Tristão Gonçalves na Revolução de 1824.

\* \* \*

Depois desse passeio pelos shoppings da Aldeota, acrescento que, segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, esse bairro registrou um total de 43.361 habitantes, sendo 17.980 homens e 24.381 mulheres.

Esse é o bairro da Aldeota, que não ostenta mais o famoso Palácio do Plácido, que contemplei quando era menino bem pequeno e depois quando adolescente, mas que continua a ser um dos mais belos recantos da bela Capital de nosso Estado.

## Referências Bibliográficas

ALMADA, Zenilo. *O Bonde e outras recordações*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

ALMEIDA SOBRINHO, Zorrillo de. *Velhos contos, novos contos*. Campo Grande, MS: ANE, 1997.

ALMANAQUE DO ESTADO DO CEARÁ para 1907. Fortaleza: Tipolitografia a Vapor, 1907.

ARCANJO, Clauder. “Aldeota”. *Gazeta do Oeste*. Mossoró, RN: 11.05. 2014.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: BNB / UFC, 2 v., 2001.

AZEVEDO, Rubens de. *Memórias de um caçador de estrelas*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1996.

BENEVIDES, Artur Eduardo. *Cancioneiro da cidade de Fortaleza*. 2ª ed. Fortaleza: UUC, 1973.

BENEVIDES, Augusto César. *Entre o poder e a madrugada*. Fortaleza: RBS Gráfica e Editora, 2001.

BRÍGIDO, J. *Ceará* (Homens e fatos). Rio de Janeiro: Tip. Besnard Frères, 1919.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: Aldina, 1895.

\_\_\_\_\_. *A Normalista* (Cenas do Ceará). Rio de Janeiro: Magalhães & C. -- Editores, 1893.

CARVALHO, Gilmar de. *O Ceará do Ednardo*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2013.

CARVALHO, Jáder de. *Aldeota*. São Paulo: Exposição do Livro, 1963.

CARVALHO, Rodrigues de. “O Ceará literário (Nestes últimos dez anos)” In: *Revista da Academia Cearense*, t. IV, 1899.

CAVALCANTE, Neno. “É...” *Diário do Nordeste*. Fortaleza: 09.05.2014.

COSTA, Marcelo Farias. *História do teatro cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1972.

DIAS, Milton. *Cartas sem resposta*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1974.

FALCÃO, Márlío Fábio Pelúcio. *Fortaleza em preto e branco*. Fortaleza: INPLANCE, 1996.

GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Ceará, 1969.

\_\_\_\_\_. *A Cidade do Pajeú*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1982.

\_\_\_\_\_. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

GOMES, Ione Arruda. *Imagens indeléveis: primeiros contatos com o bairro Aldeota*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

GUTIÉRREZ, Angela. *Os Sinos de Encarnação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

LEAL, Angela Barros. *Praça Portugal: um laço entre Portugal e o Ceará*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009.

MARTINS FILHO & GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939.

\_\_\_\_\_. *O Ceará*. 3ª ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. *Brinco de pérola: crônicas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

PONTES, Albertina Mirtes Freitas. *A Cidade dos clubes: Modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2005.

QUINDERÉ, Mons. José. “História eclesiástica do Ceará”. In: MARTINS FILHO & GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. 3ª ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

RAYMUNDO NETTO. *Um conto no passado: cadeiras na calçada*. 1ª reedição. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.

STUDART, Dr. Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: v. 1, Tipolitografia a Vapor, 1910.

\_\_\_\_\_. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: v. 2, Tipolitografia a Vapor, 1913.

\_\_\_\_\_. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: v. 3, Tip. Minerva, 1915.

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no outono de 2015.  
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.  
O papel do miolo é pólen 90g/m<sup>2</sup>, e o da capa é cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.